

CASSIE
TEM UM NOVO
ADMIRADOR
SECRETO

AUTORA DE **AS SEIS LOUCURAS DE AMOR**

GABRIELLA REGINA



CASSIE
TEM UM NOVO
ADMIRADOR
SECRETO

AUTORA DE **AS SEIS LOUCURAS DE AMOR**
GABRIELLA REGINA

CASSIE
TEM UM NOVO
ADMIRADOR
SECRETO

GABRIELLA REGINA

2ª Edição

Florianópolis/SC

Copyright © 2019, Gabriella Regina
Cassie tem um novo admirador secreto

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Revisão, projeto gráfico, diagramação e capa
GR Capas

(a gente tenta, né?)

2ª Edição | 2019

—

Capítulo 1

Edward T.: você tem a bundinha mais linda que eu já vi. Por que você não deixa ela aqui em casa? — Anônima

Você continua linda como um raio de sol.

Por favor, atenda as minhas ligações. Só quero conversar.

Cassie bufou e amassou o bilhete, e rapidamente o colocou no bolso do cardigan que usava assim que avistou Kylee se virar para voltar à mesa.

Kylee, sua melhor amiga, carregava uma bandeja com duas xícaras brancas e grandes da cafeteria. Pelo sorriso azedo que estampava no rosto, Cassie já conseguiu imaginar o que havia acontecido.

— Por conta da casa. *De novo.* — Kylee anunciou, colocando a bandeja sobre a mesa e puxando uma das xícaras para si.

Cassie suspirou, cansada, e pegou a xícara restante.

— Já perdi as contas de quantas cortesias você ganhou desde o início do semestre. O que foi que você fez? Chupou todas as garçonetes? — Kylee continuou, ainda azeda, porém divertida. — Porque se foi, você deve ser a hétero com a maior língua de ouro. Eu saí com a Leslie, do turno da manhã, por quase um mês e sequer ganhei um chocolate quente de graça durante isso.

— Talvez você não tenha feito direito. — Cassie retrucou, em tom de brincadeira, e deu um gole no seu cappuccino. Por fim, deu de ombros. — Eu na verdade não sei e desisti de tentar descobrir. Já perguntei pra *todas* e ninguém me diz nada, só dizem que tenho cappuccino pago por um tempo. Sei lá quem fez isso.

Kylee abriu um sorriso debochado.

— Talvez você tenha um admirador secreto. Ou uma *admiradora*.

— Cher que me livre. — Cassie resmungou. — Mas olha quem fala! E a Amy? Não me lembro de ela ter sido uma admiradora maravilhosa também. Na verdade, acho que ela foi muito mais além do que todas as anteriores, não foi?

Kylee chiou como um gato irritado.

— Ah, pelo amor de...

— *Boa tarde, pessoal da Universidade de Coldsprings!* — A voz animada de uma garota se estendeu pela cafeteria. Cassie olhou para o lado e viu uma das garçonetes largando o botão do volume do controlador da caixa de som ambiente. — *Aqui quem fala é Lena Parker, a sua radialista preferida, com o quadro Spotted Coldsprings!*

— Lá vamos nós. — Kylee resmungou, entediada.

— *Para os novatos que estão ouvindo pela primeira vez, o Spotted Coldsprings é uma ação totalmente voluntária de estudantes de várias áreas de comunicação da Universidade de Coldsprings, para te ajudar a encontrar o seu grande amor universitário perdido no meio da correria acadêmica, e deixar aquele recado maroto para você descobrir quem é e ter uma chance!*

— Lena continuou, animada. — *Além de estarmos na rádio, também estamos nas redes sociais, no Facebook e Twitter. Basta procurar por Spotted Coldsprings. Não deixe de curtir nossas páginas e comentar nos posts! Vai que você acha o seu amor assim, hein?*

— Cruzes. — Kylee comentou.

— *Shhhh.* — Cassie disse para ela.

— *E o primeiro spot do dia é de um anônimo para uma aluna que cursa medicina veterinária, a Eve H: amo ver você, seus olhos são tão lindos, tão lindos quanto seu sorriso, você é toda linda!* — Lena suspirou alto. — *Uau, que romântico apaixonado! Dá uma chance pra ele, Eve H!*

Algumas risadas ressoaram pela cafeteria. Cassie não conseguiu identificar se eram de diversão ou de deboche.

— Nossa, se eu recebesse uma mensagem dessas, eu tacaria fogo na pessoa.

— Kylee disse, após dar um gole no seu chocolate quente. — Que coisa melosa, minha nossa.

— Ah, você era *totalmente* melosa com a Amy. — Cassie retrucou, rindo.

— Eu não era!

— Era sim.

— Não!

— Como é que você chamava ela? Baby M? Ou Amy Baby? Não consigo me lembrar, me dá uma forcinha, K...

Kylee amassou um guardanapo e jogou em Cassie, que continuou rindo.

A voz da radialista novamente ressoou pela cafeteria:

— *Esta é para a CV, que cursa design de moda: CV, que estive na última festa da Zeta: você está bem, menina? Larga esse copo e vem pegar em coisas mais interessantes!* — Lena riu. — *Mas gente, quanta baixaria! Só para lembrar: o spotted sem censuras é apenas depois das onze da noite e somente na nossa página e no twitter, viu, galera?* E, opa, temos mais um aqui, de uma anônima para outro anônimo: *moreno, de olhos verdes, que estava de jaqueta cinza na frente da lanchonete do prédio de engenharias: quem é você?* — Lena estalou a língua nos dentes, sonoramente. — *Sabe, moça, essa foi realmente uma boa pergunta, porque agora eu também quero saber! Se alguém descobrir o nome e o telefone desse cara, por favor, me passe. Obrigada, de nada!*

— Sério, Cass, por que é que você perde seu tempo escutando isso? — Kylee questionou. — Até parece que você está esperando um macho alfa aparecer mandando mensagens para você.

Cassie abriu a boca para responder, mas Kylee continuou:

— Nada do *spotted* rende algo bom. Quer uma prova? *Amy*. — Ela bateu com a mão na mesa. — Descobri a Amy por causa do *spotted*. E olha só onde ela terminou: com ela fazendo uma tatuagem na *bunda* com o meu nome e eu chutando ela cinco minutos depois, porque ela achou que o que ia salvar o nosso relacionamento de três semanas era tatuar o meu nome no corpo dela. Sério, *spotted* só tem gente louca. É pior que Tinder. Achei que você estivesse cansada de gente louca depois do Marco, Cass.

Cassie suspirou e sentiu seus ombros ficarem tensos com o comentário.

— Não sei. — Ela respondeu, sincera. — As mensagens meio que me inspiram a escrever novas histórias. Além do mais, tem uma antologia que quero participar, em que o tema é dia dos namorados. Preciso de uma boa inspiração, já que minha vida amorosa é um belo pedaço de merda cor-de-rosa; ou seja, não existe.

— Cass, deixe eu te contar uma coisa: você é terrível escrevendo romances. Só que não é nenhuma novidade, porque você sabe disso. — Kylee replicou. — E outra coisa: você *odeia* escrever romances. Qual é o ponto disso tudo? Por que se esforçar tanto para algo que você detesta?

— É uma antologia com uma editora *grande e famosa*. — Cassie tentou se justificar. — Posso ter meu primeiro livro publicado antes de me formar. Você sabe como isso é importante pra mim e como vai ser pra minha carreira.

Kylee suspirou pesadamente.

— Acho que você deve escrever só os seus mistérios policiais. Você tem tudo para ser uma Agatha Christie da nossa geração e está indo pro caminho de um

Nicholas Sparks.

Cassie encolheu os ombros.

— Nicholas Sparks é rico. *Muito* rico. — Cassie comentou aleatoriamente.

— Eu *juro* que vou bater na sua cara se você me aparecer com algum livro publicado chamado, tipo, *uma paixão fora de série* ou coisa do tipo. — Kylee continuou.

— Mesmo se eu pagar de aniversário uma estadia num resort de luxo no Caribe pra você por duas semanas com os *royalties* que eu vou ganhar vendendo *Uma paixão fora de série volume 1, 2 e 3*?

— Não pense que você pode me comprar assim, mocinha. — Kylee balançou o dedo negativamente para ela, apertando as sobrancelhas.

— É claro que eu posso. Eu vou ter dinheiro o suficiente. Você quer o que para aceitar minha vida de romancista mela cueca? Um iPhone novo? Uma viagem? O mundo? Eu te dou! — Cassie retrucou, debochada.

Kylee engoliu sua resposta junto com o chocolate quente que começou a beber, determinada a acabá-lo, e Lena Parker, nas caixas de som, continuou:

— *K, que faz aula de fotografia comigo: você tem os olhos verdes mais lindos que eu já vi. Acho que estou bem apaixonada por você. Eu sei que você gosta de caminhões, mas vem aqui dirigir o meu fusquinha!*

Em um ataque de riso súbito, Kylee espirrou chocolate quente pelo nariz, o que fez Cassie gargalhar mais do que a cantada.

— Que merda foi essa? — Kylee resmugnou, enquanto pegava guardanapos para limpar o próprio rosto e a mesa respingada de chocolate quente.

— Parece que teremos uma nova Amy. — Cassie debochou.

— Merda nenhuma. — Kylee rosnou.

— Ah, qual é? Você não está nem um pouco curiosa para saber quem é?

— Não! — Kylee exclamou, mas logo em seguida estreitou os olhos. — A não ser que seja aquela menina do...

— Nova Amy. — Cassie declarou antes que Kylee pudesse finalizar.

Kylee revirou os olhos.

— Olha só, seu deboche bate no meu Louboutin tamanho quarenta e quatro e volta em sapatada na sua cara, Cassandra — Kylee retrucou. — Vire essa boca pra lá. Não quero nunca mais uma Amy na minha vida. Que *horror*.

— Vocês pelo menos faziam um casal muito bonito — Cassie comentou,

esboçando um sorriso divertido enquanto levava a caneca até os lábios.

— Cassandra, cheira meu peido e não me enche o saco.

— É com essa boca que você beija o rosto da sua mãe? Ela ficaria admirada. Vou tuitar isso pra ela agora mesmo. — Cassie debochou, e Kylee revirou os olhos novamente e se concentrou em terminar seu chocolate quente, ao mesmo tempo em que a voz de Lena Parker voltou a ter a atenção das duas:

— ... *Muito boa! Você está de parabéns!* — Lena riu alto. — *E agora, encerramos nosso Spotted com um spot maravilhoso e super diferente para a aluna de Escrita Criativa, Cassandra Laphdary, do anônimo.*

Cassie se engasgou com o cappuccino em surpresa.

— *O quê?* — Kylee gritou com a voz esganiçada, e Cassie chutou sua perna por baixo da mesa para que ela ficasse quieta.

A radialista continuou:

— Na quinta-feira, dia doze, o mural do departamento de Artes vai aparecer com uma pequena sequência de números escritos. Mas é uma sequência incompleta. Na sexta-feira, dia treze, você receberá a sequência completa dos números: este será o número do meu celular. Mas a sequência só vai ser completada se, e somente se, até às duas da tarde, eu ver você dando aquele mesmo sorriso maravilhoso, pelo qual me apaixonei, no caminho para a cafeteria e tomando aquele cappuccino que você ama. E, se isso acontecer, você receberá o número completo quando pedir o seu cappuccino na sua cafeteria preferida. Do contrário, você vai ter apenas um número incompleto no mural, que não vai dar para ligar para ninguém, e uma chance que um dia se arrependerá de ter desperdiçado. — Lena deu um gritinho. — *Ai, meu Deus! Vocês ouviram o tamanho desse romantismo? Gente...*

Cassie engoliu em seco enquanto sentia os olhos arregalados de Kylee sobre si.

Muitas garotas ficariam saltitantes por receberem uma mensagem tão bonita.

Muitas garotas ficariam sonhadoras por saberem que um rapaz está interessado nelas a ponto de bolar um plano *daqueles*.

Mas não Cassie. Cassie não era uma dessas muitas garotas.

Cassie ficou apavorada.

Cassie adorava bons inícios de histórias de amor, e aquele parecia ser um bem interessante. E por tudo o que era mais sagrado, ela queria saber quem era o autor da mensagem. Mas o medo de que o autor, na verdade, fosse alguém como Marco era tão grande quanto a sua curiosidade. Ela não queria ter que

lidar com tudo aquilo novamente, se arriscar e confiar em outra pessoa desconhecida e acabar se magoando depois, ficando em uma situação tão ruim quanto já estava.

Em vez de a mensagem deixá-la deslumbrada, aquilo revirou seu estômago e tudo o que envolvia Marco voltou estalando como um chicote em suas costas.

Marco havia sido um colega da sua turma de Literatura Inglesa V — um belo achado no curso de Escrita Criativa da Universidade de Coldsprings, ela poderia dizer de boca cheia. Afinal, nem sempre era possível encontrar garotos com um porte de *quarterback*, rosto de galã de cinema e cabelo perfeito e que queria ser *escritor*. Geralmente, na cabeça de Cassie, esses caras seguiam rumos totalmente diferentes do que o rumo de sentar na frente de um computador, ou com um papel e uma caneta, e escrever coisas interessantes.

Ela não estava acostumada com a beleza exuberante de Marco em companhia do seu sonho de ser escritor e do seu talento para isso. A maioria dos garotos do seu curso que havia conhecido, até então, eram esteticamente mais ou menos, apesar do intelecto incrível e um ótimo jeito com as palavras, onde conseguiam até mesmo tornar uma lista de compras em algo poético e maravilhoso. Não que Marco não conseguisse fazer isso também: Marco conseguia transformar um sorriso em poesia, fazer o sujeito de uma frase se levantar, os substantivos criarem vida e os livros se derramarem ao chão em palavras líquidas. A única diferença dele para com os outros rapazes é que ele era bonito. E Cassie, infelizmente, não conseguiu resistir à sua beleza.

E entre tantas garotas bonitas, de tantas graduações diferentes, Marco escolheu justo Cassie. E ela se sentiu sortuda, na época. Afinal, ela era loira, de olhos escuros, com um corpo que ela considerava mais ou menos, fascinada por uísque e bolo de chocolate, escrevia mais na sua imaginação do que no seu caderno, era uma virginiana neurótica com ascendente em trouxa e lua em otária, tinha dois pais, quatro gatos e era melhor amiga da garota lésbica do curso de fotografia que já havia beijado a universidade inteira.

Por muitas vezes Cassie foi a última escolha de muitos caras, mas ela foi a primeira escolha de Marco.

Marco literalmente a cortejou por vários dias até convencê-la de que ele não queria apenas transar com ela. Ele insistiu e persistiu o suficiente para ela acreditar que ele estava perdidamente apaixonado por ela, e ela se permitiu abrir parte do seu coração para ele. Afinal, ele parecia confiável. Parecia um cara bom. Ele a tratou como uma rainha, muito melhor que todos os outros caras com quem saiu. Marco não era só um rostinho bonito. E ele tinha até conseguido fazê-la se esquecer da sua paixão da adolescência, o que era um

grande feito, já que até então, mesmo depois de séries de encontros com todo tipo de cara diferente, ela nunca havia superado aquela noite no armário do não-beijo.

Porém, apesar de todas as qualidades de Marco, ele ser bonito, estudioso e um ótimo escritor, ele começou a assustá-la. Principalmente, começou a tirar pedaço por pedaço da sua liberdade e da sua privacidade.

Ele começou a ligar para ela. Não que ligar fosse um problema, mas passou a se tornar depois que ele começou a ligar todos os dias, em intervalos curtos de tempo. Mandava mensagens a cada dois minutos se ela não respondesse no mesmo instante, independentemente do que ela estivesse fazendo. Começou a questionar sobre suas saídas com seus amigos, a querer chamar mais sua atenção e até mesmo proibi-la de sair ou até mesmo falar com algumas pessoas, *principalmente* com a melhor amiga “promíscua” dela. Queria ter a senha do seu celular, tentava ver o que ela estava escrevendo nas mensagens, e até uma vez ela o pegou vasculhando o seu Facebook, no seu computador, enquanto ela tomava banho e ele a esperava no quarto. Ele começou a cercá-la e querer mandar nela como se ela fosse sua propriedade, quando, na verdade, eles estavam saindo há apenas um pouco mais do que duas semanas.

Então, Cassie chutou tudo pro ar. A beleza e a inteligência de Marco não valiam, de forma alguma, a obsessão que ele havia criado por ela. E foi onde o inferno realmente veio até ela.

Marco começou a persegui-la. A ligar constantemente para ela, mesmo que ela não atendesse; a questionar onde ela estava, mesmo que ela não falasse mais com ele; até mesmo aparecer nos bares e outros lugares onde ela estava com os amigos, mesmo sem que ela tivesse dito uma palavra sobre. Marco também começou a ir atrás dos amigos de Cassie para saber como ela estava e se fazer de vítima, para que eles ajudassem Marco a reatar com ela, até que ele se humilhou para Kylee, que o respondeu em um escândalo com boas e poucas e faltou cair no soco com ele para que deixasse Cassie em paz.

Um dia, ele apareceu na janela do quarto de Cassie na irmandade, pegando-a desprevenida no meio do sono e a desculpa dele foi que ele apenas queria olhá-la dormindo — *como um maldito Edward Cullen*, Cassie havia dito para Kylee depois. Com gritos e arremessos de coisas, Cassie o expulsou do seu quarto e percebeu que a obsessão dele estava indo longe demais.

Muitas garotas teriam se apaixonado com tamanha prova de amor. O desejo de estar perto, de se preocupar, de querer fazer parte da vida era latente, de querer mostrar seu amor, eram ingredientes para a receita perfeita de um romance de filme. Cassie sabia que muitas garotas *ingênuas* buscavam por isso. Mas não ela. Marco a tratava como se ela fosse sua propriedade, como se

ele fosse dono dela, o que não era e nunca seria o caso. Ao invés de ficar perdidamente apaixonada, Cassie ficou ainda mais apavorada.

Foi assim que ela pediu uma ordem de restrição. E ela conseguiu mais do que isso: Marco acabou sendo preso.

Cassie tinha provas o suficiente para colocá-lo na prisão, e em vários momentos se pegou pensando que estava acabando com a vida dele. Se Marco fosse preso, ele não teria mais nenhuma outra boa oportunidade profissional. Ia ter seu currículo, sua imagem, manchados para sempre. Pensou e repensou uma, duas, três, até dez vezes nisso, se perguntando se não estava exagerando.

Mas quando Cassie colocou seu medo acima de qualquer compaixão que pudesse ter por ele, quando ela calculou tudo o que ela havia mudado na sua rotina e como ela estava se prendendo cada vez mais dentro de si para que ele não interferisse na sua vida, ela teve a certeza de que estava fazendo a coisa certa. Ela sabia que se ele permanecesse solto, não havia ordem de restrição que o mantivesse longe dela. Ela podia ver isso nos olhos dele — ela viu aquele desejo e aquela obsessão desenfreada nos olhos dele, na audiência.

Cassie também não pensou somente ela. Ela pensava, a todo momento: *e se ele fizer isso com outras garotas? E se fizer pior?* Cassie assistia demais alguns programas policiais e noticiários, e sabia que de obsessão doentia para um assassinato por rejeição era um único passo. E Cassie sabia que esse passo era dado com muito mais facilidade do que se imaginava.

Quando tudo terminou, após a audiência e a prisão de Marco, após todas as semanas conturbadas, ela finalmente deixou tudo isso para lá. Ficou assistindo *Grey's Anatomy*, tomando sorvete e comendo bolo no seu quarto da irmandade e falando com seus pais no telefone por um final de semana inteiro. E passado essa fase, Cassie ponderou que já havia superado todos os acontecimentos, todo o medo que Marco havia deixado e imaginou que estava tudo bem em começar a se envolver com outras pessoas, afinal, a vida segue.

Só que ela não tinha superado. Ela ainda estava com medo de encontrar alguém parecido com Marco. Ou que Marco conseguisse sair da prisão e viesse atrás dela novamente. Ela ainda chutava as coisas pensando em como tudo aquilo pode simplesmente acontecer daquela maneira, desandar completamente. Em como ela tinha um azar com garotos. Em como uma pessoa tão bonita como Marco poderia ser tão insana daquela forma e ela sequer *suspeitar* antes da merda acontecer.

E ela ainda tinha vontade de queimar o gatinho de pelúcia que ele deu para ela na primeira semana que saíram. Ela só não o queimou porque era um gatinho de pelúcia que era parecido com o Sr. Patinhas, o seu gato preferido que ficou com seus pais na mudança para a faculdade.

Após toda a declaração na rádio, Cassie mal conseguiu ouvir os comentários de Lena, pois Kylee logo interveio:

— É o Marco — disse, cruzando os braços.

— Não pode ser — Cassie retrucou. — Ele está na cadeia. Ele não seria tão estúpido.

— Verdade. — Kylee disse, parecendo considerar, ainda que de modo pouco sarcástico. — O esquema inteiro parece ser inteligente demais para ele. Mas, bom, eu sei que você anda recebendo bilhetinhos suspeitos, então não duvido que ele tenha saído da prisão, ainda que esteja na condicional.

— Eu não...

— Cass. Eu não sou trouxa, ao contrário de você — Kylee revirou os olhos novamente.

— Mas e se não for ele? — Cassie tentou contornar a situação. Ela não queria falar sobre Marco. Não queria inclusive pensar na possibilidade de Marco estar solto novamente. Só a ideia já a deixava ansiosa para ir para casa, fechar todas as janelas, se trancar no seu quarto e sair só quando Marco a esquecesse ou, quem sabe, na melhor das hipóteses, morresse. Ou fosse preso novamente.

— Cass, eu sei: o Spotted é lindo, é fofo, é inspirador, mas vai por mim: nada de bom sai do Spotted. Com isso, inclusive, nós te livramos de mais um suposto amor repentino para evitar que alguém passe o dia dos namorados sozinho. Ou de alguém que tatue seu nome após uma semana saindo junto. Ou, sei lá, de outra pessoa que entre no seu quarto de madrugada para te ver dormir, que nem a merda de um Edward Cullen. — Kylee respondeu. — E, Cass, metade da universidade está comprometida, e a outra metade está dando festas amarguradas porque vão passar o dia dos namorados sozinhos, que, falando nisso, é *sábado* e a *sua* irmandade vai fazer uma festa também. Esse é o exato trabalhão que alguém faria questão de ter, só para se garantir de que não vai passar o dia dos namorados com a própria mão.

— Mas então, por que eu? A pessoa, sei lá, me escolheu aleatoriamente? — Cassie suspirou. — É tão difícil que alguém realmente queria ficar comigo, sem ser um doido de pedra?

Os olhos verdes e selvagens de Kylee suavizaram, e ela esboçou um sorriso gentil.

— Não estou dizendo isso, Cass. — Kylee disse, e levou a mão até os dedos de Cassie sobre a mesa. — O que estou querendo dizer é que, nesse caso em específico, muito possivelmente seja uma isca para alguém que não presta. Isso se não for o próprio Marco, eu *nunca* duvido de uma possibilidade

dessas.

Cassie suspirou pesadamente, resignada. Ela não queria admitir, mas estava sozinha há muito, muito tempo, mais precisamente desde que Marco foi embora. Não havia conseguido sair com quase ninguém naquele meio tempo, ainda estando constantemente incomodada com o medo que Marco acendeu nela. Ela estava com medo de conhecer gente nova, achando que estaria dando corda para um novo Marco.

E a ideia de ter alguém interessado nela era, no mínimo, esperançosa. A ideia de talvez ter uma nova chance de recomeçar, possivelmente, a sua vida amorosa com alguém, sem medo. Alguém que estava dando um belo pontapé inicial com todo aquele plano para que Cassie conseguisse o número de seu telefone.

Mas, ainda assim, ela não conseguia tirar o medo da sua cabeça, ainda que fosse um pouco. Principalmente depois de Kylee ter reforçado a opinião dela de que poderia muito bem ser Marco, o autor da mensagem. Ou alguém no mínimo parecido com ele.

Ela também sabia que, em partes, Kylee estava certa: elas estavam na semana do dia dos namorados. Muitos rapazes não querem ficar sozinhos nessa data, e vão começar a atirar para todos os lados para encontrarem uma companhia, igualmente desesperada como eles. Cassie não conseguia não acreditar na possibilidade de ela ser, nada mais nada menos, do que uma isca para esse tipo de cara. E a ideia a deixava enojada.

— Então eu simplesmente vou abrir mão dessa chance de conhecer alguma pessoa nova... Porque eu estou com medo de ser uma isca, tanto para alguém que não presta, quanto para Marco. — Cassie concluiu com a voz triste, abaixando o olhar para a mesa e puxando sua mão para si, afastando-se de Kylee.

Ela ouviu Kylee suspirar alto.

— Não. — Kylee retrucou e deu um tapa na mesa. — Olha, apesar do que eu disse, você não pode ficar o tempo todo com medo. Caramba, Cass, você precisa *viver*. E isso significa *conhecer pessoas novas*, se divertir, quem sabe até *transar*. E viver sem medo! Essa possibilidade deve existir para você. O trauma que Marco te causou não pode mais interferir na sua vida. Não podemos deixar que isso aconteça.

— E o que você sugere que eu faça? Que eu fique em casa, ignorando essa mensagem, ou simplesmente sigo todos os passos que o tal admirador secreto pediu, me arriscando de qualquer forma? — Ela sentiu os ombros caírem, um sinal claro de desistência da sua parte. — Não sei o que eu faço. Eu quero,

mas não quero. E isso está me deixando *louca*.

— Bom, *eu* tenho uma ideia. — Kylee respondeu e Cassie a encarou, intrigada. — Nós vamos descobrir quem é *antes* de você encontrar a pessoa.

Cassie riu. Não apenas riu, como também gargalhou profundamente a ponto de as outras pessoas da cafeteria olharem para a mesa das duas. Cassie controlou o riso, levando a mão até a boca e respirou fundo.

— Kylee, as mensagens são *anônimas*. — Cassie disse, como se fosse óbvio. — Como você espera que a gente descubra quem enviou isso?

— Bom, é simples: só precisamos falar com alguém da rádio que possa nos informar. Com certeza, eles devem ter algum registro que mostre quem enviou, sei lá, ao menos o IP do computador ou coisa do tipo, e já teremos por onde começar. E tendo pelo menos esse dado, pagando uma pizza ou comprando alguma coisa de jogos para um *hacker* daqui, vamos descobrir rapidinho quem é e já teremos uma ideia antes de você se jogar de cabeça nessa merda toda. — Kylee disparou a falar como uma metralhadora, os olhos brilhando cada vez mais de empolgação. Kylee mal acreditava que não tinha pensado nisso antes. — O que me diz?

Cassie ponderou e assentiu com a cabeça de leve, absorvendo as informações. Fazia sentido. Na verdade, fazia um *puta* sentido. Elas conseguiriam trabalhar com algo a partir de pelo menos o IP do computador, imaginou. Ela não era a rainha da tecnologia, mas já havia ouvido muito sobre como alguns *hackers* conseguiam descobrir até mesmo os donos de perfis falsos. Cassie também imaginava que a rádio provavelmente não mantinha todas as mensagens como *realmente* anônimas por questões de segurança. As pessoas precisavam ter tirado algo positivo depois de a história toda de Cassie e Marco rodar pelo campus.

— É um bom plano, na verdade. — Cassie respondeu com sinceridade.

— Ótimo. Bom, vamos começar com isso logo: você conhece Lena Parker?

— Não. — Cassie revirou os olhos enquanto remexia em uma mecha loura do cabelo. — Na verdade, imagino que ela seja algum personagem, talvez esse nem seja o seu nome verdadeiro. Sabe, tem esse rumor. — Então, cruzou os braços e continuou: — Acho que você tem chances muito maiores de conhecer alguém nessa área, uma vez que, bom, o seu departamento é *do lado* do departamento de comunicação e música.

Kylee bufou e assentiu com a cabeça rapidamente, encarando Cassie nos olhos. As duas piscaram e automaticamente começaram a passar uma lista de nomes pelas suas cabeças, tentando se recordar de alguém que conheciam que trabalhava ou trabalhou na rádio, que tivesse acesso ao quadro e que poderiam

ajudá-las. Como elas conseguiriam a ajuda era o de menos; Kylee conseguia ser muito persuasiva quando queria. A dificuldade maior era encontrar um nome. *O nome.*

E então, repentinamente, aquele nome e aquele rosto brilharam na mente das duas no mesmo instante. E disseram, decepcionadas:

— Scott.

—

Capítulo 2

Anna, da Química: se eu te der amor por um período, você topa ser da minha família? — Anônimo

Scott era, em particular, um assunto que Cassie e Kylee aboliram entre elas.

Por vários anos, Scott foi o melhor amigo das duas: o único rapaz na dupla de meninas, o que entendia todos os problemas delas e dava os melhores conselhos para acalmar seus coraçõezinhos apaixonados; elas até imaginavam que ele mesmo tinha feito o roteiro de *Hitch, o Conselheiro Amoroso*, ou que tivesse escrito todas aquelas frases motivacionais que lotavam as páginas de superação do Facebook e dedicatórias de autores famosos.

Scott também não era nem bonito nem feio, nem inteligente nem burro. Ele era aquela pessoa incrível e ao mesmo tempo mediana que todo mundo conhece, mas que sempre marca presença na vida de alguém. Scott era *aquele* melhor amigo para as duas. Principalmente para Cassie.

Mas Cassie queria que Scott fosse *mais* do que apenas um melhor amigo.

Cassie era apaixonada por Scott desde que ele havia dividido seu brinquedo com ela, um boneco de super-herói, oferecendo-o para ser o príncipe-barra-namorado da sua Barbie Princesa, que permitia a Cassie brincar sozinha, oferecendo poucas histórias legais e motivadoras para uma criança sobre uma Princesa Solitária.

É claro que, no presente, Cassie precisava lidar com o fato de que ela *era* uma Princesa Solitária, e em muitos momentos ela até que gostava disso. Mas quando Scott passou a entrar na brincadeira, tudo ficou ainda melhor e, com o tempo, ela passou a não gostar tanto assim de ser a Princesa Solitária. Cassie queria ser a Princesa Com Scott. Mais especificamente, a Princesa *Do* Scott.

E, anos depois, Cassie se decepcionou ao ver que não foi bem recebida como Princesa Do Scott quando ela finalmente se permitiu dizer a ele que tinha sentimentos muito romanticamente fortes por ele — não exatamente nessas palavras, embora na cabeça dela ela usasse isso com frequência. Ela era escritora, adorava poetizar algumas coisas. Falar dos seus sentimentos pelo melhor amigo se encaixava em uma das coisas que ela adorava poetizar.

Na verdade, tudo deu errado na noite em que Cassie resolveu dizer aquilo.

E depois disso Cassie passou a odiar Scott.

E ninguém mais falou sobre ele perto dela. Porque, obviamente, Cassie ficou claramente abalada. Tão abalada que passou um bom tempo sem se envolver muito com as pessoas, tentando não se apegar para que ela não sofresse tudo aquilo de novo. Outros caras vieram e saíram, mas nenhum deles deixou uma marquinha no seu coração como Scott deixou — e, toda vez que ela pensava nisso, ela concluía: *ainda bem*.

Até Marco. Marco abriu a portinha que ela havia fechado, apenas para sair chutando a porta com toda a sua força e obrigando Cassie a fechá-la com dezessete chaves e setenta e duas trancas diferentes, um cadeado e dois alarmes.

Naquele dia, Cassie percebeu que o voto de silêncio sobre Scott havia acabado.

— Scott é estagiário na rádio, Cassie. — Kylee começou, hesitante, e Cassie percebeu que ela estava começando a medir as palavras que usaria. — Ele mesmo já apresentou o programa algumas vezes quando a tal da Lena estava ausente. Ele tem total acesso às mensagens, e é o único que a gente conhece que está lá dentro e que pode te ajudar.

Cassie bufou diante daquela terrível pequena verdade.

— E o que eu poderia dizer, Kylee? *Oi, então, desculpe por eu passar os últimos anos sem falar com você e te ignorando como se você nunca tivesse existido, mas é que eu realmente preciso descobrir quem está me mandando mensagens pelo spotted...* — E balançou a cabeça negativamente. — Isso não vai dar certo. Eu nunca vou conseguir descobrir quem foi que mandou aquilo, sem que eu tenha que seguir todas as regras.

— Cass, tudo tem uma chance tremenda de dar errado. Você não pode simplesmente chutar tudo pro ar sem tentar. — Kylee suspirou e cruzou os braços. — Olha, faça o seguinte: chame-o para conversar. Para pedir desculpas, puxar assunto, saber como anda a vida, coisa parecida. Diga que esteve... Sei lá, muito ocupada comprando cigarros.

— Por anos?

— Você fumava muito. Eram muitos cigarros.

Cassie se limitou a dar uma risada nervosa.

— Cass — Kylee continuou, mantendo daquela vez um tom mais sério em sua voz. — Fale com ele. É sério. Ele sente a sua falta...

Os olhos de Cassie se arregalaram tanto que faltaram sair do seu rosto em uma explosão de surpresa.

— Ele o *quê*? — Quase gritou. — Como você sabe que ele sente a minha falta?

Kylee apertou os lábios ao tempo em que Cassie apertou a vontade de estapeá-la dentro de si. Sempre que Kylee fazia aquela expressão — apertando os lábios, franzindo o cenho, fazendo aquele olhar de cachorrinho sem dono —, Cassie sabia que ela havia feito alguma merda. Não sabia em que nível, mas sabia que a merda tinha acontecido.

— Digamos que eu o vi... Semana passada. E ontem. E hoje de manhã também.

— Kylee! — Cassie exclamou, ultrajada e levando uma das mãos até o peito sobre o coração, como se o mesmo tivesse sido apunhalado.

Por um momento, sentiu-se traída pela melhor amiga. Depois que contou tudo o que aconteceu no armário do não-beijo naquela noite, e depois de Kylee ter visto o quanto Cassie estava sofrendo, elas resolveram fazer um voto de silêncio sobre Scott. Não falariam dele, não falariam com ele, fingiriam que ele não existia.

Cassie tinha total noção de que isso era de maturidade de uma criança de 12 anos, mas ela estava cagando e andando para isso. E achava, até aquele dia, que podia confiar que Kylee faria a mesma coisa. Mas aparentemente não fez. Aparentemente, Kylee traiu Cassie e seu coração sofredor.

— Cass, me desculpe, mas sejamos francas: o rolo foi entre vocês dois. Eu não tive nada a ver com isso, e sempre gostei do Scott *como amigo*. — Cassie percebeu que Kylee fez questão de frisar o *como amigo* para que ficasse claro o suficiente de que a traição não era tão grande assim, mas Cassie sabia que aquilo não era necessário. Kylee, até mesmo parada e sem respirar, já exalava um ar de garota lésbica. Não tinha erro. — E, olha, eu tenho conversado com ele com uma certa frequência, sabe? E ele sente a sua falta, ele me disse isso uma penca de vezes. Você pensa que não, por causa daquilo tudo, mas...

— Ah, sim. — Cassie bufou e bateu com os dedos sobre a mesa da cafeteria.
— Então você está culpando a vítima. E eu sou a vilã agora.

— Ninguém é o vil...

— Ele chuta meu rabo de um jeito grosseiro naquela noite — Cassie interrompe Kylee, disparando a falar como uma betoneira. —, grosseiro demais até mesmo *para ele*, no momento em que abro meu coração e falo dos meus sentimentos por ele e a errada sou eu em simplesmente fingir que isso nunca aconteceu. Sim, claro. Certíssimo. Inclusive, seria muito mais *bonito* da parte dele se ele tivesse simplesmente me dito que era gay, em vez de me

chutar daquela maneira. Sabe, eu prezo *muito* pela sinceridade.

— Cass, ele não...

— Eu não vou falar com ele, Kylee. — Cassie a interrompeu novamente ao levantar um dedo para que ela ficasse quieta. — Ponto final. Minha amizade com ele, ou qualquer coisa que restou dela, acabou no mesmo momento em que ele foi grosseiro comigo naquela noite. Não tinha a *menor* necessidade daquilo. Sinceramente, nem o rapaz mais escroto do universo seria tão ridículo como ele foi naquela noite.

Ela ouviu Kylee suspirar alto e o silêncio caiu entre as duas rapidamente. No fundo, elas conseguiam escutar a voz de Lena Parker ressoar na cafeteria, provavelmente se despedindo dos ouvintes. O som voltou a ser baixo, trazendo uma música alternativa, exatamente do tipo que Cassie gostava. Aquilo *quase* a acalmou, se todo o sangue não tivesse fervido e subido até o seu rosto e a deixado vermelha de raiva.

— Eu falei com ele, Cass. — Kylee continuou calmamente. — Ele não guarda ressentimentos. Ele sabe que errou... E isso faz *anos*! Acho que já deu tempo de você superar isso, não? Ou a noite do armário ainda te assombra como um monstro debaixo da cama? Aliás, não é você quem *nunca* guarda ressentimentos? Quero dizer, eu te conheci como sendo a garota mais de boa com tudo na vida. Que propaganda enganosa é essa? Quero meus anos de amizade com você de volta.

Cassie encarou a amiga e só no olhar ela sabia que a amiga estava sendo irônica. Afinal, ela era famosa por guardar ressentimentos entre seus amigos íntimos. Diziam que ela era o pior tipo de mulher que existia, pois se as mulheres já tinham uma memória boa para acontecimentos ruins, Cassie tinha dez vezes mais. Ela brincava dizendo que era tranquila, que não se importava; mas era só cutucar a ferida que ela se arrepiava e abaixava as orelhas como um gato furioso ao se aproximar forçadamente de água fria. E, se preciso, ela dava o bote ferozmente.

Cassie sabia que havia guardado ressentimentos por Scott, por muito tempo, e sabia que ainda guardava. Ela também chutava algumas coisas pensando nele quando não estava chutando as coisas pensando em Marco. Scott foi a melhor e a pior coisa que aconteceu na sua vida, só não ganhava de Marco no sofrimento, pois ela nunca precisou pedir uma ordem de restrição para Scott. Na verdade, ela mesma foi a própria ordem de restrição naquele caso. Ela se afastou, por livre e espontânea vontade, embora com o coração na mão — pelo menos o que havia restado dele.

— Cass. — Kylee a chamou de novo. — Independentemente do que você decidir, saiba que se você quiser *mesmo* saber quem é que está te mandando

essa mensagem, você vai precisar falar com o Scott, porque ele é a sua única opção no momento. Ou você vai ter que pagar para ver. — Suspirou. — Eu sugiro que você engula esse orgulho maldito, porque eu sei muito bem que você morre de saudade dele todos os dias.

— Não mesmo. — Cassie retrucou firmemente.

— Morre, sim. — Kylee afirmou com a mesma firmeza. — Eu sei que você ainda fica olhando as conversas de vocês. Eu vi, você tem todas elas guardadas em uma pasta oculta do seu computador. — O rosto de Cassie voltou a ficar vermelho e desviou o olhar. — Engole esse orgulho e vá falar com ele. A saudade é mútua. E mesmo que não dê certo uma coisa ou outra, saiba que eu *sempre* vou estar aqui para te ajudar a catar todos os seus caquinhos caso você quebre a sua cara de novo.

Cassie suspirou e sentiu seu coração esquentar devagar com as palavras da amiga.

Cassie sabia que precisava parar de adiar aquele momento, e ela estava fazendo isso por anos. Uma hora ou outra ele ia acontecer. Ela sabia que precisava parar de dar voltas enormes no campus apenas para não passar por perto do departamento dele e correr o risco de encontrá-lo. Ela sabia que precisava parar de pedir comida — aquela comida horrível, mas que ainda dava para engolir — apenas por medo de encontrá-lo no restaurante favorito deles. Ela sabia que precisava parar de mudar sua rotina, seus caminhos, e até o modo como vivia sua vida na tentativa de adiar o momento de finalmente encontrá-lo depois de todos aqueles anos depois de tudo aquilo que aconteceu.

Uma hora ela precisaria colocar uma rolha nas intimidades para não fazer nada nas calças e simplesmente encará-lo. Ela não podia mais ficar naquela lenga-lenga de querer fugir dele de todo custo. Eles estavam na mesma universidade. Estavam morando bem perto, onde ela estava na irmandade feminina e ele estava no dormitório logo na quadra ao lado. Frequentavam os mesmos lugares, tinham até diversos amigos em comum e adoravam as mesmas festas. Ela precisava parar, engolir o orgulho e se dar ao trabalho de encará-lo. E, principalmente, superar.

Então, forçou um sorriso, e disse a Kylee:

— Às vezes eu não sei se eu te odeio ou te amo demais. Você faz questão de sempre plantar essa dúvida na minha cabeça.

Kylee apenas riu.

—

Capítulo 3

Ao ruivo mais gato do campus: não te beijei na última festa do final de semana, mas na próxima você não me escapa! — Anônimo

Você é, e sempre será, o meu verdadeiro amor.

Eu te amo, Cassandra. Pode me atender, por favor?

Cassie enfiou o celular na bolsa, ignorando a mensagem, enquanto andava em círculos, sem saber exatamente o que fazer. Já estava lá fazia quase uma hora, tentando pensar no que diria, o que faria, mas cogitando simplesmente em dar meia volta e ir para casa. *Eu não preciso disso*, ela pensou, tentando se convencer. Ela não precisava encará-lo depois de anos. Ela já tinha superado. Ela não precisava de nada mais disso. Por que era tão teimosa?

Se ela não havia dado uma chance para Marco, ela não tinha porque dar uma chance para Scott só porque ele *sentia sua falta*. Ela também sentiu falta dele, e por muito tempo e pra caramba, e nem por isso ela ficou choramingando isso para os melhores amigos dele.

Ela só choramingou para o próprio travesseiro, várias e várias vezes. Mas, no geral, ela fazia questão de fingir que ele não estava lá. Melhor ainda: fazia questão de fingir que ele *não existia*.

Ela começou a ponderar: podia esperar por sexta-feira. Ela não precisava parar tudo e perguntar para Scott — mais precisamente, *apelar* para ele — para descobrir quem era seu admirador secreto. Aquilo tudo não passava de uma ideia louca de Kylee. Marco não era capaz de fazer isso com ela, até porque ele estava preso, e continuaria preso por mais uns longos meses; e se ela tivesse sorte, anos.

Cassie estava convencida de que desistiria quando, para a sua infelicidade, ouviu alguém chamar seu nome.

E ela congelou, porque ela conhecia aquela voz. O nervosismo atravessou seu corpo, as borboletas começaram a dar piruetas dentro dela e sentiu seu corpo inteiro começar a tremer, devagar.

Cassie enfiou as mãos nos bolsos e deu meia volta, olhando para trás. Scott Olberg estava parado na frente do prédio da rádio da universidade, com a mochila pendurada em um ombro só, olhando para ela com as sobrancelhas

erguidas e os olhos entre um misto de surpresa e interesse.

Assim, ela percebeu que ele não havia mudado em absolutamente nada. Ele ainda usava aquela touca folgada e ridícula azul-marinho — mais desbotada e gasta por conta do tempo e do uso —, os óculos retangulares e com armação preta, e o cabelo com o típico topetinho para fora da touca. Scott continuava usando o mesmo moletom velho de sempre, com a estampa do capacete do Darth Vader, e continuava sem barba, como se nunca tivesse atingido a puberdade. Ele era uma mistura de garoto *nerd* com *hipster* e garoto descolado, e, ao se dar conta disso, Cassie quase se viu transportada para anos atrás, no armário do não-beijo, onde ele estava vestido *exatamente* daquela maneira.

Ela queria estapeá-lo, porque parecia que ele estava fazendo de propósito.

— Ei, Scott. — Ela esperou que sua voz não tremesse tanto quanto ela sentiu que sua boca fez assim que começou a falar. — A gente pode... Conversar? — Tirou as mãos do bolso e gesticulou para um lado qualquer, apenas para rapidamente colocá-las de volta nos bolsos ao ver que estava tremendo mais do que imaginava.

Depois que se descobriu apaixonada por ele, Scott sempre a deixou nervosa, e quase nunca no bom sentido da palavra — se é que havia algum bom sentido em ficar nervosa.

Ele piscou algumas vezes, como se tivesse algum grão de areia nos seus olhos. Cassie fitou os olhos castanhos dele nervosamente antes de ele responder, calmamente e com um sorrisinho torto nos lábios:

— Claro. Que tal um café?

Cassie concordou, mesmo tendo tomado um cappuccino fazia poucas horas e já estava começando a quicar diante do efeito da cafeína. Em silêncio, ela apertou a alça da mochila no seu ombro e seguiu Scott até a cafeteria mais próxima.

Para a sua sorte, não foram para a mesma cafeteria que ela havia ido com Kylee mais cedo. Assim, ela não recebia olhares confusos e desconfiados, nem precisaria explicar para Scott o porquê de ela estar ganhando bebidas de graça — até porque ela nem sabia o motivo disso tudo, apesar de suspeitar.

Eles se sentaram em uma mesa no canto da cafeteria, logo ao lado de uma janela. Uma garçonete de cabelo tingindo de um tom vermelho intenso veio atendê-los, e logo que saiu com seus pedidos, Scott apoiou os cotovelos sobre a mesa e sorriu de lado para ela.

Cassie sentiu um aperto no estômago de nervosismo. Fazia muito tempo que

ela não via aquele sorriso, que ela não via Scott. Lembrar que Kylee estava encontrando ele com certa frequência a deixava com uma faísca de ciúmes — mais por Kylee do que por Scott, ela acreditava. Ela fez muita questão de não encontrá-lo nos últimos anos, mas saber que Kylee não havia dado muita bola pra isso a deixava com uma sensação de ter sido traída pela melhor amiga.

— Então... — Scott bateu com os dedos sobre a mesa, quebrando o silêncio entre os dois. — Como estão as coisas?

— Boas. — Cassie respondeu, e deu de ombros. — E pra você?

— Tudo tranquilo. — Scott retrucou. — E a faculdade? Vai muito tempo até se formar?

— Outono do ano que vem, se tudo der certo. E você?

— Também. Mas vou tentar um mestrado na Islândia depois que me formar. Andei olhando as bolsas. Acho que consigo. — Scott disse, dando um sorriso amarelo.

— Mestrado em banda de rock na Islândia? Essa é nova pra mim. — Cassie comentou, dando uma risada curta. Scott riu também.

— Na verdade, deixei pra trás o sonho de ser músico. Descobri que não tenho talento *nenhum* pra isso. Quero só ter minha gravadora, descobrir novos talentos, lançar artistas bons, com músicas boas. — Scott sorriu novamente. — Quero encontrar nos outros o que não encontrei em mim, sabe?

Cassie se viu boquiaberta, tomada pela surpresa da resposta de Scott, e por um instante quase perguntou se estava falando com o Scott certo. Desde que o conhecia, ele sempre dizia que queria ser um *rockstar*, ter uma banda, uma legião de fãs, fazer turnês que duravam meses. O grande problema é que Scott não tinha jeito e nem talento pra isso, mas ninguém tinha coragem de dizer isso pra ele, que era tão deslumbrado pela profissão de músico. Cassie se perguntou o que havia acontecido para ele chegar a essa conclusão.

— Foi Kylee. — Scott disse, divertido, como se tivesse lido a mente de Cassie. — Se você está se perguntando quem foi a pessoa que disse que eu era péssimo até fazendo qualquer batuque de merda, saiba que foi a Kylee. Ela chegou um dia, e eu estava afinando o violão. Ela suspirou, sabe, daquele jeito dramático dela de quem quer fazer uma confissão, e disse: *Scott, me desculpa, mas você toca muito mal e eu não sei se você vai conseguir melhorar nessa encarnação ainda.*

Cassie arregalou os olhos.

— E você disse o quê? — Questionou. Cassie sabia que Kylee costumava ser durona demais nas críticas, apesar de fazer o tipo de quem morde, mas faz

carinho depois. E Kylee era quem *mais* queria dizer a Scott que ele era ruim na música.

Scott deu de ombros.

— Eu mandei ela à merda, é claro. Fiquei puto. As sincerinhas da Kylee são azedas demais. Mas aí resolvi conversar com uns amigos do curso... E a opinião é unânime. Eu sou *mesmo* ruim. E eu achava que tocava bem, sabe?
— Scott disse, franzindo os lábios em seguida, como se estivesse magoado.

— E você quer descobrir *outras pessoas* que tocam bem, sendo que nem no seu gosto você acerta? — Cassie debochou.

— Aí que está: eu *consigo* reconhecer quando outras pessoas tocam mal ou tocam bem. Menos eu. Eu sou tipo o filho feio que a mãe sempre acha lindo, sabe? Só que comigo mesmo. Eu achava que era ótimo, sem conseguir ver que eu, na verdade, era *muito ruim*. Felizmente, aprendi a bênção da autocrítica. — Scott sorriu. — E pedi desculpas para a Kylee depois, claro.

— Ela não deve ter ficado ofendida. — Cassie comentou.

— Nem um pouco. Quando fui pedir desculpas, ela só deu de ombros e falou: *tudo bem, mas viu? Eu estava certa*.

— Ela é a geminiana mais filha da puta que já vi na minha vida. — Cassie resmungou.

— Ela tem aprontado isso com você também? — Scott perguntou. — Soltando sincerinhas?

— Na verdade, sim. Eu vou participar de uma antologia de uma editora grande para novos autores, só que o gênero é *romance*. E a Kylee está ultrajada por eu ter me inscrito, porque ela diz que romance não é minha área e se recusa a me ver como uma Nicholas Sparks quando... — Cassie disse, e deixou a voz ir morrendo ao fim, percebendo que estava falando demais.

Cassie não queria falar *dela* naquele momento, não queria expor sua vida para Scott como se fosse amiga dele, como se tudo fosse como antes. No fundo, Cassie não queria admitir, mas ainda estava magoada.

— Bom, você sabe como ela é. — Cassie finalizou, desconversando, e fez um gesto de pouco caso. — Enfim, Scott, queria conversar com você a respeito de uma coisa...

— Deixe-me adivinhar: você recebeu uma mensagem de um admirador secreto. — Ele a interrompeu e apoiou os cotovelos sobre a mesa, cruzando os dedos das próprias mãos e a encarando, divertido.

Em um misto de surpresa e susto, Cassie encarou Scott de volta.

— Como você...?

Scott a interrompeu, com uma risada curta.

— Sabe, Cassie, meu estágio é na rádio, exatamente no período em que passam o Spotted, então é difícil *não* ouvir. — Ele encolheu os ombros e fez uma expressão cansada. — Se está preocupada se a mensagem realmente existe, ou se Lena não errou seu nome, saiba que na verdade está tudo certo. É aquilo mesmo. Um baita início para uma história de amor, hein?

Cassie se empertigou na cadeira, sentindo-se desconfortável. *Scott sabia*, ela pensou. Ele sabia que ela apareceu lá para falar com ele sobre isso. E ela perdeu tempo dando trela e conversando e *quase se abrindo* para ele, até que finalmente entrasse no assunto.

Ela respirou fundo. Decididamente odiava Scott.

— Na verdade, eu gostaria de saber quem foi que enviou — retrucou.

Scott a encarou, confuso, franzindo as sobrancelhas.

— Hã... As mensagens são anônimas? — ele disse, sugestivo.

— Elas são *reproduzidas* anonimamente. Vocês com certeza têm...

— Não temos como rastrear quem envia as mensagens, se é isso o que você está pensando, Cass. — Ele a interrompeu novamente. — As mensagens são enviadas *totalmente* em anônimo por uma plataforma que pedimos para desenvolverem especialmente para o programa, que garante cem por cento o anonimato. Desde que o Spotted começou, a rádio já teve mil problemas com gente que queria saber quem eram os autores das mensagens. *Precisamos* fazer assim, para que o programa não acabasse. Não temos como descobrir quem é. Me desculpe.

Cassie sentiu seu corpo se afundar na cadeira e suspirou pesadamente em desânimo. Havia perdido tempo e acumulado frustração, descrente que não havia nenhuma maneira de descobrir quem era o suposto admirador secreto.

— Mas, sem querer me meter — Scott continuou, hesitante. —, por que você quer descobrir logo de cara quem é? Quero dizer, a mensagem que você recebeu foi bem criativa e bacana. Mais original que muitas outras, até. Acho que valeria a pena entrar no jogo, sabe? Parece uma boa história para contar para os seus filhos, por exemplo. E se alguém se dispôs a ter todo esse trabalho... Entende? Acho que vale a pena, Cass.

— Eu *gostaria* de me jogar nisso, Scott. — Cassie suspirou. — Mas a questão é que eu estou preocupada que seja Marco. Não sei se você ficou sabendo do que aconteceu entre a gente.

— Ah. — Scott piscou. — O perseguidor maluco.

— É. Esse mesmo.

— Bom... — Scott suspirou e apertou os lábios. — Nesse caso, é bem perigoso que talvez seja ele mesmo. Mas... Ele não foi preso?

— Foi. Mas vai saber se ele não teve uma condicional, ou fugiu, ou botou alguém na minha cola, não é? — Cassie deu de ombros. Apertou sua bolsa no colo e se preparou para levantar e ir embora. — Bom, desculpe, Scott; mas se você não pode descobrir quem é, então não pode me ajudar. Eu...

— Cass, espere. — Scott ergueu a mão, tocando no cotovelo dela. Cass recuou, instintivamente, com o toque inesperado, mas se adiantou em relaxar os ombros novamente. — Olha, eu não posso te ajudar da maneira que *você quer*, mas posso tentar de outra forma te ajudar a descobrir quem é.

— E como você pretende fazer isso? — Cassie questionou, voltando a se sentar.

— Podemos ir analisando seus contatos, quem te observa... Podemos ver com quem você costuma conversar, por onde você costuma andar, com quem você se relaciona e cruzar algumas informações importantes para acharmos alguns suspeitos... — Scott disse. — É uma possibilidade cinquenta por cinquenta: tem cinquenta por cento de chance de ser Marco e outros cinquenta por cento de *não* ser. Quem sabe você cai na possibilidade mais vantajosa, não é? A gente só precisa investigar direitinho.

— Como um *stalker* profissional. — Cassie comentou, irônica.

Scott deu uma risada e encolheu os ombros.

— Bom, se o esquema da gravadora não der certo, eu posso me tornar um bom detetive.

— Com toda certeza. — Cassie debochou.

— Enfim. Pra te ajudar, eu vou precisar andar com você em uma frequência maior, Cass. Precisamos nos encontrar mais, assim consigo perceber quem está com cara de apaixonado mais facilmente, porque, sabe: vocês, garotas que geralmente são donas desses corações, não conseguem perceber quando o cara morre de amores por vocês. — Scott comentou, divertido.

Cassie revirou os olhos.

— Você está me dizendo que não sou capaz de perceber quando alguém está apaixonado por mim? Sério? — Indagou.

— É *exatamente* isso o que eu estou dizendo. — Scott respondeu, dando um sorriso amarelo em seguida.

Cassie quis soltar uns palavrões para Scott, mas ele continuou antes que ela começasse:

— De qualquer forma, eu me comprometo a ajudar você, se *você quiser*.

Cassie suspirou pesadamente. É claro que ela queria. Na verdade, ela *precisava* daquela ajuda, mesmo vindo de Scott; mesmo ela ainda se sentindo desconfortável estando com ele, ali, conversando; mesmo sabendo que todos os anos que ela passou desviando caminho e não querendo encontrá-lo ou conversar com ele ou conversar *sobre* ele, iriam ser jogados no lixo porque, dali em diante, ele estaria tão presente na sua vida como esteve antes, o que ela tentou por todos esses anos evitar.

E mesmo achando que tinha esquecido, ela ainda conseguia se lembrar, tão claramente como se tivesse acabado de acontecer. Ela ainda se lembrava da brincadeira, do momento, do modo como ele sorria, o cheiro do perfume dele, e de como tudo estava tão perfeitamente perfeito, até...

— Eu aceito. — Ela disse, e ajeitou a bolsa no colo, novamente pronta para se levantar e sair. — Nos encontramos amanhã?

— Claro. — Scott respondeu, após alguns segundos; Cassie fingiu não reparar que ele pareceu surpreso com a resposta dela. — Pode ser aqui na cafeteria, durante a tarde?

— Pode ser. — Cassie respondeu.

Scott piscou. Uma. Duas vezes. Três.

— Certo. Tudo bem. Combinado. — Ele respondeu.

— Tudo bem. — Cassie disse, levantando-se da cadeira e a empurrando de volta para a mesa. Ela olhou para Scott uma última vez antes de dizer: — Muito... Muito obrigada, Scott. Até amanhã.

— Até amanhã. — Ele respondeu, dando um sorriso curto.

Cassie tentou ignorar a sensação que aquele sorriso causava nela. *Mesmo depois de todo esse tempo*, ela pensou, ligeiramente resignada. Ela deu as costas para ele e começou a andar em direção à saída da cafeteria.

— Cass? — Ele a chamou. Ela virou o rosto para ele, erguendo as sobrancelhas. — Foi legal ver você. — Ele disse, simplesmente, continuando com aquele sorriso apertado nos lábios, parecendo tão sem jeito e tão desengonçado como ela sabia que só ele conseguia ser.

Ela apenas sorriu de volta para ele — um sorriso nervoso, mas, ainda assim, ligeiramente sincero. Um sorriso que ela, definitivamente, nunca mais esperava lançar para Scott Olberg.



Capítulo 4

Moço que vende docinhos na praça do campus: quantos docinhos eu tenho eu comprar para ganhar seu coração? — Anônima

O curso do amor verdadeiro nunca fluiu suavemente – Shakespeare.

Boa tarde, minha querida!

Se Cassie tivesse dinheiro, ela não pensaria duas vezes em atirar seu celular em um vaso sanitário e dar descarga. Na verdade, melhor do que isso: se pudesse, ela compraria um daqueles liquidificadores superpotentes dos vídeos do *Will It Blend?*, e ligaria ele com seu celular dentro, apenas por diversão.

A questão é que Cassie não tinha mais dinheiro. Ela não podia se dar ao luxo de comprar outro celular só porque queria quebrar o atual. Era por estar sem dinheiro que, inclusive, ela estava fugindo da sua zona de conforto literária e começando a rascunhar um romance água com açúcar para agradar um editor e poder ter um contrato de publicação que poderia mudar sua vida.

Então, ao invés de simplesmente atirar o seu celular para qualquer canto no momento em que viu aquela mensagem de um telefone desconhecido, ela simplesmente fechou a mensagem e deixou a tela inicial aberta. Três da tarde.

E Scott estava atrasado.

Cassie bufou. Ela não queria gastar energia em ficar irritada, mas não conseguia evitar. Guardou o celular no bolso e começou a bater com o pé freneticamente no chão, encostada na vidraça da cafeteria onde havia encontrado Scott no dia anterior.

Parte dela ainda não acreditava que havia *aceitado* ter Scott do seu lado constantemente por uns dias, apenas porque ele achava que era mais observador do que ela. No fundo, ela se sentia ultrajada. O que Cassie mais fazia era observar as pessoas, olhar ao redor, pois era nesses momentos que ela enxergava pequenos detalhes. Pequenas coisas que a inspiravam em escrever e criar personagens únicos, em criar histórias. Cassie era observadora até *demais*, e não conseguiu *não* se perguntar como ela poderia aceitar que Scott era o único que poderia ajudá-la.

Foi o calor do momento, não foi?, ela pensou. Scott foi convincente e ela de fato precisava de ajuda. *Duas cabeças pensam melhor do que uma*, concluiu,

enquanto voltava seu olhar para uma moça conversando com um rapaz no banco do outro lado do calçamento. O rapaz falava alto, e com um forte sotaque russo. Não muito distante deles, Cassie notou outra moça conversando com um rapaz bonitinho, e que jogava o cabelo para o lado com uma certa frequência, o que, para Cassie, era sinal de que ela estava paquerando o rapaz.

Cassie riu consigo mesma. A sua maior estratégia de paquera era fazer cara de idiota, e ela não podia dizer se funcionava muito bem. Ela tinha certeza que fez essa mesma cara quando Marco foi falar com ela pela primeira vez, e, bom, o resultado não foi dos melhores. *Talvez seja uma estratégia perfeita para atrair malucos*, ela pensou.

— Me desculpe! — Scott disse em tom alto ao lado de Cassie, fazendo-a voltar para a realidade com o susto. Scott estava com o rosto vermelho e claramente esbaforido. — Tenho um projeto para entregar até semana que vem e o meu grupo resolveu lavar roupa suja hoje.

— Tudo bem. — Cassie disse, tentando relaxar. — Vamos lá. Hoje é o primeiro passo.

— Certo. — Scott disse e respirou fundo, tomando fôlego. — E qual é o primeiro passo mesmo? Desculpe, a mensagem era muito comprida, não consigo me lembrar direito.

Cassie deu uma risada curta. Queria ela não conseguir se lembrar e até esquecer essa história. Entretanto, as palavras de Lena Parker sobre a mensagem ficaram marcadas a ferro no seu cérebro, e ela não conseguiu se esquecer delas por um instante sequer.

— É no mural do Departamento de Artes — respondeu. — Tem uma sequência incompleta de números que preciso anotar para o próximo passo de amanhã.

— Legal — Scott comentou animado. — Parece brincar de detetive.

Cassie revirou os olhos e seguiu em direção ao Departamento de Artes. Ele ficava a cerca de dez minutos de onde estavam e era o prédio mais bonito do campus. Boa parte dele era colorido com grafites e pinturas criativas, além de ter poesias e retratos de pessoas famosas, que muitos alunos admiravam. Vira e mexe aparecia um desenho de tamanho real do Thor, mas tão rapidamente que aparecia, ele também desaparecia com uma tinta branca ao decorrer da semana. E então aparecia outro famoso.

Na semana anterior, Cassie jurou ter visto um desenho da Adele quando passou por lá de relance, e se viu por surpresa ao notar que Adele havia desaparecido também debaixo da grossa camada de tinta branca, sendo

substituída por uma Nicki Minaj na sua perfeita pose do álbum *Anaconda*.

— Adoro esse departamento — ela ouviu Scott comentar ao seu lado, enquanto ajeitava a mochila nas costas. — As pinturas são magníficas! Queria que o Departamento de Comunicação fosse assim também. Mas a única que tem é um mural sem graça com divulgação de programas, workshops, canais no YouTube e playlists no Spotify. O seu tem alguma coisa assim?

— Não. — Cassie suspirou. — Só um mural com ofertas de aulas de idiomas, capas de livros na Amazon e convites para recitais de poesia ruim.

— Recital de poesia ruim? Você já foi em um? — Scott questionou.

— No começo, eu ia. Mas as poesias são *mesmo* ruins. — Cassie deu de ombros. — Não dava pra aguentar, sabe? Nem bebendo um litro de cerveja.

— Ruins como?

— Ruins como... — Cassie suspirou e apertou as sobrancelhas. — Digamos que, em comparação, qualquer coisa que comece com *rosas são vermelhas e violetas são azuis* é uma obra de arte do lado delas.

Scott gargalhou — uma gargalhada sincera e alta, que Cassie conhecia tão bem como a palma da própria mão. Scott já havia dado muitas gargalhadas do lado dela ao longo dos anos. Em muitas, ela o acompanhou. Cassie tentou se esquivar da sensação de nostalgia que a risada de Scott trouxe, que chegou quase tão certa e assassina quanto um trem desgovernado a caminho de uma vítima amarrada nos trilhos.

Por sorte, Cassie conseguiu se desamarrar antes que o trem chegasse. Por *pouco*.

Tão logo que entraram no departamento, Cassie e Scott conseguiram ver o mural. Ele era colorido, como todo o resto, e se destacava porque era ainda mais enfeitado e brilhante do que o restante do prédio.

Anúncios, *doodles*, recados, avisos, post-its de todos os tamanhos e cores estavam espalhados pelo mural. Pessoas procurando quarto, apartamentos para dividir; pessoas ofertando aulas de desenho, pintura, idiomas; pessoas anunciando móveis artesanais à venda, artigos de papelaria, sabonetes naturais, tintas naturais, marmitas veganas, uma foto em uma folha A4 de um gato peludo e preto perdido.

Era tanta informação em um espaço tão pequeno, que Cassie se questionou se em algum momento ela conseguiria achar a tão esperada sequência de números que o seu admirador secreto disse que estaria lá.

Como se estivesse lendo seus pensamentos, Scott disse, apontando:

— Ali. — Seu dedo apontava para a esquerda de Cassie, para um cartaz rosa-choque colado ao lado do mural.

O cartaz era simples. O rosa berrava aos olhos, mas a letra branca, feita com tinta, contrastava em uma combinação perfeita com uma sequência de números e asteriscos, assinado embaixo com *Para Cassandra Laphdary, do seu admirador secreto*.

Cassie sentiu um misto de nervoso e alívio ao se dar conta de que não conhecia aquela letra. Algumas vezes ela havia copiado as anotações do caderno de Marco, e ver que aquela letra não era nem um pouco parecida com a dele, a deixava um pouco mais tranquila, mas não menos neurótica. A mente policial de Cassie se questionou se Marco não teria pedido para outra pessoa escrever, sabendo que Cassie conhecia sua caligrafia. Ela precisava ficar alerta.

Enquanto puxava o caderno de dentro da bolsa, ela observou Scott de canto, que olhava atentamente ao redor, com as sobrancelhas apertadas, claramente em busca de um suspeito. Cassie quase riu consigo mesma. Scott era discreto como um elefante tentando não ser visto. Ela se lembrava de como Kylee odiava pedir para Scott disfarçar e olhar para alguém; era a mesma coisa que pedir para ele imitar a garota do *O Exorcista*.

Quando Cassie finalmente começou a anotar a sequência no seu caderno, ela ouviu:

— Você é a Cassandra?

Levantando os olhos, Cassie encarou uma moça extremamente ruiva ao seu lado, que a fitava com um sorriso apertado nos lábios e um olhar esperançoso. Cassie franziu a testa.

— Sim. — Respondeu, hesitante.

— Nossa! — A moça abriu o sorriso, animada. — Muita gente estava *ansiosa* para ver se você viria mesmo. Uns calouros ficaram de tocaia aqui por *horas* para ver quem anotaria o número. Umas meninas tentaram furar seu olho, sabia? — A moça botou as mãos na cintura. — Tentaram dar uma de espertinhas, mas uma moça do departamento conhece você e botou elas para correr.

Cassie ergueu as sobrancelhas, surpresa, e rapidamente desviou os olhos para Scott, que estava igualmente surpreso como ela. Cassie conhecia algumas pessoas no Departamento de Artes, sim — mas não se lembrava de ser íntima de ninguém, a ponto de poder ter sua mensagem defendida por qualquer pessoa que fosse. Nem mesmo Kylee faria isso.

— Espero que dê tudo certo. — A ruiva continuou. — Isso tudo o que seu admirador secreto fez foi *tão* lindo, tão romântico... Se eu recebesse algo assim...

Cassie balançou a cabeça negativamente.

— Desculpe, mas não. — Interrompeu, e apontou para o mural. — Isso não é fofo, nem lindo, nem romântico. Se você acha bonitinho, parabéns. Mas não é o meu caso. Para mim, isso é bizarro.

A garota ruiva a encarou, desacreditada.

— Como é? — A ruiva questionou, claramente irritada. — O que é que você tem na cabeça? Se eu recebesse algo como...

— É, mas não recebeu, não é mesmo? — Cassie replicou, interrompendo-a novamente.

O rosto da ruiva ficou tão vermelho quanto seus cabelos.

— Você definitivamente não sabe reconhecer um ato de amor. — Ela retrucou, enfurecida. — A pessoa que fez isso claramente *ama* você, se dá ao trabalho disso tudo e você está *brava*? Você não consegue enxergar todo esse *amor*?

— Consigo, mas isso é o que mais me assusta, se você quer saber. — Cassie respondeu simplesmente, guardando o caderno dentro da mochila. — Agora, se você puder me dar licença, tenho mais o que fazer.

A ruiva ficou encarando-a, consternada. Então, bufou e resmungou palavras inaudíveis e deu as costas para Cassie, andando em direção ao corredor do departamento.

Cassie estava pronta para sair do departamento, uma vez que conseguiu o que precisava, mas antes que pudesse, a mãe de Scott segurou seu ombro e deu um suave aperto.

— Cassie, olha só. — Ele murmurou. — A mocinha não pareceu irritada demais com a sua reação nisso tudo?

Cassie o encarou, confusa.

— Talvez? Ela é doida. Todas as pessoas daqui são doidas... — Cassie retrucou. — Mas qual o problema? Acha que foi *ela*?

— Não acho que foi *ela*, precisamente. — Scott disse, se colocando na frente de Cassie e erguendo as sobrancelhas. — Mas acho que ela está envolvida. Você não acha?

Cassie deu de ombros.

— Pra mim só pareceu que ela estava recalçada. — Ela disse.

— Ela foi a *única* que veio conversar com você sobre isso. As outras pessoas ficaram apenas olhando, mas ela teve a cara de pau de falar com você. — Scott insistiu. — Tem algo muito estranho nela, Cass, eu juro pra você.

— Scott, relaxa. Talvez ela seja só doida e recalçada mesmo. E deve fazer teatro, o que justificaria a cara de pau, sei lá. Vamos?

— Cass, você não está captando. — Scott pousou as duas mãos sobre os ombros de Cassie, que fitou suas mãos de soslaio e apertou os lábios, voltando a encará-lo. — Ela estava *irritada demais* para quem estava só de recalque. Ela veio falar com você sobre isso. Engrandeceu a atitude, dizendo que era uma prova de amor e tudo mais. Não parece nem minimamente suspeito pra você?

Cassie respirou fundo. Ela não podia negar que Scott tinha uma ponta de razão. Ela nunca tinha visto aquela garota na vida, que já apareceu dando moral para a atitude do admirador, dizendo que tinha gente *defendendo* Cassie no departamento, não deixando outras pessoas pegarem o número mesmo que estivesse incompleto.

Tem algo muito errado nisso, ela pensou, concordando. Mas, ao mesmo tempo em que ela concordava com Scott, ela também tinha consciência de que a garota era de Artes. As pessoas de artes eram *malucas*, na concepção de Cassie.

— Tudo bem, Sherlock. É muito estranho, sim, embora nada que eu não pudesse esperar de alguém de Artes. — Cassie comentou em um tom ligeiramente debochado. — Mas o que você pretende fazer sobre isso? Investigar a vida toda da garota? Revirar o quarto dela, adicionar todos os amigos do Facebook, colocar uma bomba de bosta na porta?

Por um instante, Cassie viu os olhos de Scott brilharem, e ela sentiu um arrepio percorrer seu estômago.

— Você acaba de me dar uma ideia — Scott disse, exultante.

Cassie apertou os olhos.

— Olha, sobre a bomba de bosta...

— Vamos lá, Cass. — Scott a interrompeu e começou a puxá-la pela mão.

— Scott, eu não vou cagar em um...

Scott parou e a encarou, confuso.

— Do que você está falando? — Questionou ele. Cassie ergueu uma sobrancelha.

— Sua ideia não era sobre a bomba de bosta? Porque isso realmente não é uma boa ideia. — Replicou.

Ele apertou os olhos e balançou a cabeça.

— Não. Absolutamente não. — Desviou os olhos para o lado. — Vamos entrar no Facebook e caçar a menina e ver seus contatos. — Balançou a cabeça novamente. — Bomba de bosta... Que ideia, Cass.

Cassie apenas revirou os olhos.

—

Capítulo 5

Anne E., do curso de gastronomia: linda, me chama de café que eu te faço ficar acordada a noite toda! — Anônimo

O nome da ruiva era Margareth Effleck, e seu apelido era Mag; foi o que Cassie conseguiu descobrir após perder uma hora vasculhando todos os grupos da universidade pelo Facebook. Mag cursava Cinema na universidade, era vegetariana e tinha sete gatos na casa de seus pais, pelo o que suas fotos e outras informações indicavam. Mag também era solteira há três anos, e o nome do seu ex-namorado era Jonas.

Também descobriram que Mag era uma romântica incorrigível — uma de suas fotos mostravam coleções até então completas dos livros de Nicholas Sparks, Nora Roberts e Cecelia Ahern — e que ela, inclusive, participava da página do Spotted Coldsprings com bastante afinco, sempre comentando nas postagens e dizendo coisas como “que lindo! Que amor! Fiquem juntos!”. Ela tinha até mesmo o selo Super Fã da página.

— Eu sabia que a conhecia de algum lugar — Scott disse após alguns minutos, e apontou para uma das fotos do álbum dela.

Na foto, Mag, com um vestido branco de alcinhas e corações pintados no rosto, segurava um cartaz em uma marcha conservadora. No cartaz, dizia: *respeito para mulheres de respeito*. Não por acaso, a sua foto parou em todos os jornais, físicos e digitais, que falavam sobre a marcha.

Com ranço, Cassie se lembrava da reportagem. Mag havia sido a mais machista e escrota possível. Disse que os bons costumes estavam se perdendo, que as músicas de hoje em dia ensinavam as pessoas a caírem na promiscuidade, que mulheres tinham que se dar ao respeito, e não reclamar se algum cara passasse a mão nelas se elas estivessem com roupas de puta.

Mag se tornou um ícone regional do conservadorismo feminino por um tempo, e até apareceu em um programa ou outro de televisão para entrevistas. Mas, uma semana depois, ela deixou de ser tão interessante assim.

— Como que nunca vimos essa garota aqui? — Cassie questionou, estarecida. — Não acredito que divido meu ar com uma celebridade da castidade.

— Olha, isso faz anos. E ela deixou o cabelo crescer. Ninguém mais deve se lembrar dela também. — Scott disse, enquanto rolava o perfil da garota para baixo. — Exceto quando ela abre a boca, é claro.

— Ok. — Cassie se inclinou na direção do computador. — E o que exatamente estamos procurando aqui?

— Algo comprometedor. — Scott respondeu, simplesmente.

— Mais comprometedor que as fotos dela na marcha da virgindade, eu acho bem impossível. — Cassie se permitiu dar uma risada nervosa. — Seja mais específico, Scott.

— Bom, eu estou procurando algo que indique que ela talvez *conheça* o seu admirador secreto. Ou que talvez ela mesma seja seu admirador secreto. — Scott ergueu as sobrancelhas sugestivamente.

— Tão conservadora assim, e ainda lésbica? Mas nem a pau. — Cassie debochou. — Nem Kylee me deixaria entrar nessa, se isso sequer fosse possível. Mas de qualquer forma, esse detalhe só vou ficar sabendo amanhã, se eu *não* receber o número do telefone na cafeteria. Porque ela está bem puta comigo. O suficiente para desistir e pular para outra.

— Não custa tentar. — Ele levou o mouse até a página do Spotted Coldsprings novamente e começou a olhar as respostas.

A rádio também compartilhava na página todas as mensagens transmitidas no programa para quem não pôde escutar na hora, mas Cassie não acreditava que a página fazia tanto sucesso quanto a rádio. Os comentários eram realmente poucos, assim como as curtidas, mas Mag marcava presença em quase todos. Apesar de tudo, a página também tinha uma frequência maior de atualização do que a rádio, que costumava pular um ou outro no seu horário apertado de reprodução do programa, então sempre havia uma mensagem ou outra que não havia ido ao ar — normalmente, as mais sem graça, ou as de baixaria.

Quando encontraram a mensagem que se destinava a Cassie, ela notou que Mag havia comentado naquela postagem também.

Ouvi no programa — tão lindo! Fiquei com inveja, queria que alguém fizesse algo lindo assim por mim.

Cassie se limitou a revirar os olhos. Se pudesse, certamente entregaria Marco de bandeja para Mag, pois ele era muito capaz de fazer “atos que comprovam seu amor” daquele nível; e ela ainda tinha suas dúvidas porque, teoricamente, Marco estava preso. Havia uma chance de que fosse ele, bem como também havia uma chance de que fosse outra pessoa, completamente inocente e totalmente apaixonada.

Então, distraidamente, Cassie notou que havia cinco curtidas no comentário de Mag na postagem. Scott também havia reparado, ao parar de rolar a tela e fixar seus olhos no mesmo comentário.

— Geralmente os donos das mensagens não comentam nas postagens para não se entregarem — Scott comentou, passando o mouse em cima do número de curtidas. — Mas eles podem curtir as postagens de quem comenta. E assim, podemos saber ou talvez ter uma ideia de quem pode ser. — E, finalizando, ele clicou.

Cinco nomes e fotos em miniatura apareceram. Pelos nomes, nenhum era familiar, mas ao abrir cada perfil e ver as fotos Cassie conseguiu ver que não eram pessoas estranhas. E isso a deixou intrigada.

— Judith se formou mês passado — Scott apontou.

Judith Hanson havia feito parte da sua turma de Literatura Britânica no início do semestre passado; não havia ficado muito tempo, mas foi tempo o suficiente para que Cassie a conhecesse e fizesse um trabalho em grupo com ela.

— Essa é uma ex da Kylee. — Cassie indicou para a segunda, nomeada de Savannah Kennardy. Ela se lembrava de que Kylee havia namorado Savannah no começo do segundo semestre, mas não durou muito tempo. Kylee havia descoberto que era do mundo, não de uma pessoa só. — Um ano antes de conhecer a Amy.

— *Famosa* Amy. — Scott riu, e Cassie acompanhou por um instante, até se sentir estranhamente enciumada. Scott também sabia de Amy. Na verdade, a universidade inteira sabia de Amy e Kylee, mas Cassie gostava de pensar que *só ela* tinha piadinhas internas sobre as duas. — Bom, essa *aqui* trabalha na biblioteca. — Scott apontou para a terceira, nomeada de Hellen Spencer. — E o sobrenome dela na verdade é o nome do namorado. Eles têm um perfil de casal.

— Mas que merda — Cassie fez uma careta com a informação. — Se algum dia eu namorar e chegar a este ponto, por favor, me mate. Porque eu certamente fui obrigada.

— Ah, qual é. É *tããã* bonitinho. — Scott comentou.

— Não é, não. — Balançou a cabeça, rindo.

— Vai dizer que você *nunca* pensou em fazer um perfil de família inteira? Tipo, colocar o seu nome, do seu marido e dos seus filhos no mesmo perfil? — Scott riu, e Cassie apenas apertou os olhos.

Ela sabia que ele estava debochando da situação, e se sentiu aliviada em

perceber isso antes de soltar a sugestão “*como Cassie Scott Lavinia Peter?*”.

Ao se dar conta do que havia considerado, apenas fechou os olhos com força e balançou a cabeça como se afastasse os pensamentos para longe. A época em que ela era apaixonada por Scott havia acabado, já era, não existia mais. Scott era gay. Não tinha chances para ela. Ponto final, e sem discussão.

— Ok. A próxima é...?

— Na verdade é o próximo — Scott disse enquanto passava o cursor sobre o nome masculino. — Jared Newton é familiar para você? Porque eu não me lembro desse cara, nem desse nome.

Cassie apertou os olhos para a foto.

— O nome não me é estranho — ela disse. Scott, sem demora, clicou no perfil dele. No perfil a foto do rapaz se expandiu, exibindo com mais clareza suas características físicas, onde a mais marcante que Cassie considerava era a presença dos olhos verdes que contrastavam com a pele muito bronzeada.

Levou pouco tempo, olhando o perfil, o nome, os amigos em comum e as fotos do álbum, até que Cassie finalmente se lembrou de onde o conhecia.

— Merda — soltou. — Merda, merda, merda, merda, merda.

— O que foi? — Scott perguntou, e foi surpreendido com Cassie o empurrando para o lado, assim como a sua mão, se colocando na frente do laptop e levando os dedos até o mouse rapidamente. O cursor foi indicado para uma foto onde Jared havia sido marcado e a foto se expandiu.

Havia um grupo de pessoas bem à vontade, com bermudas, blusas e chinelos, em uma praia à noite. Entre elas, Jared usava uma camisa aberta, branca, e segurava uma garrafa de cerveja enquanto sorria como um galã de cinema após a reabilitação, ao lado de Mag. Entretanto, a parte mais surpreendente da foto não era os dois juntos nela — era, mais ao lado, a presença de Amy e Kylee, rindo uma para outra, sentadas na areia e próximas de Marco.

Cassie engasgou com o próprio ar. Olhou rapidamente para a data. A foto havia sido tirada em um verão onde Kylee ainda estava com Amy, logo que começaram a sair, Cassie se lembrava; Kylee havia comentado que havia jogado Eu Nunca em um luau na praia, em um dos seus primeiros encontros com Amy, e que havia se interessado muito por ela *principalmente* por causa das suas respostas do Eu Nunca. E Cassie ainda não conhecia Marco, porque não haviam começado a fazer aulas juntos.

Mas Jared e Mag estavam ligados a Marco, de alguma forma. Ela sabia que o luau havia sido algo mais íntimo, somente para amigos próximos — quem sabe, Amy não era amiga de Mag ou de Jared? —, então, para Marco estar

naquela noite, naquela foto, só podia significar alguma coisa. No mínimo, eles eram amigos.

Cassie respirou fundo. Sem pensar duas vezes, conectou-se no seu perfil, ignorando as perguntas de Scott sobre o que ela estava fazendo, e rapidamente desbloqueou o perfil de Marco, algo que ela imaginou que jamais faria algum dia.

No campo de busca, voltou a pesquisar o nome de Mag na rede social e vasculhou os amigos. O perfil de Marco apareceu quase que instantaneamente, como se soubesse que estava sendo procurado por ela.

Cassie buscou pelo perfil de Jared novamente, e repetiu a busca sobre Marco nos amigos dele. O mesmo resultado se apresentou, da mesma forma.

Cassie fechou os olhos, apertando-os com força e tentando manter a calma, apesar de que tudo o que ela queria naquele momento era somente surtar e correr para sua casa, ficar debaixo da cama ou dentro do armário, em segurança, para nunca mais ser vista. *É ele*, ela pensou. *É ele. É ele. Sempre foi ele.*

Ela apertou os lábios e olhou para Scott, que encarava a tela do computador, confuso. Cassie suspirou novamente. Calmamente, e permanecendo em silêncio, Cassie refez o ritual de bloquear Marco no seu perfil e saiu da conta, deixando a página inicial do Facebook aberta na tela.

— Você acha mesmo que pode ser ele? — Scott perguntou com a voz baixa.

— Acho que sim. — Cassie respondeu com sinceridade. — Não acredito que possa ser uma impossibilidade, sabe? Os três se conhecem. Mag, Jared, Marco. Está tudo conectado...

— Mas ele está preso. — Scott lembrou.

— Eu sei. — Cassie estalou a língua contra os dentes. — Mas ele é inteligente, Scott. Ele está preso, mas ainda tem contato com o mundo lá fora, sabe? Ele ainda pode receber visitas, como qualquer outro detento. Talvez ele tenha entrado em contato com alguém, como Mag, ou sei lá mais quem, e essa pessoa pode ter se encarregado disso. Como tudo no Spotted é feito anonimamente, pode ter sido qualquer pessoa. *Qualquer* pessoa. Ele pode ser mesmo o criador da mensagem, sabe?

— Eu sei. — Scott bufou, e passou a mão no rosto. — Se for ele, ele pode ter bolado tudo e só passado as instruções para alguém fazer. Mas... — A voz de Scott foi morrendo, até ele balançar a cabeça negativamente.

— Mas o quê?

— A parte mais preocupante, Cass, é que todos esses passos levam até um

encontro pessoal. Sorrir, pegar o telefone, ligar. Ele quer marcar um encontro. — Scott disse. — Ele quer te encontrar pessoalmente.

— Mas ele não pode. — Cassie rebateu, ligeiramente desiludida. — Ele está preso. Como que ele quer fazer uma merda dessas, Scott?

Scott permaneceu em silêncio, mas Cassie fitou seus olhos e soube perfeitamente o que ele queria dizer. Se fosse Marco, e se ele queria encontrá-la pessoalmente, significava que ele iria conseguir sair da prisão de alguma forma. Talvez na condicional, ou pena reduzida — Cassie sabia que, apesar de tudo, não era impossível. Marco era branco, intelectual, de uma boa família, e era só um *stalker* maluco. Ainda tinha quem dizia que ele era só um cara apaixonado.

E se soltarem ele?, Cassie se perguntou. Repentinamente, ela percebeu que estava tremendo e chorando de nervoso, porque a ideia de vê-lo pessoalmente em qualquer momento da sua vida a apavorava. Ela não queria correr riscos novamente. Não queria ter que checar se fechou suas portas e janelas umas dez vezes antes de dormir, não queria ter que ficar trocando seu número de telefone a cada seis meses, nem de deixar de postar coisas na internet com medo de ser localizada por ele. Cassie só queria paz, e a possível liberdade de Marco colocava um fim na sua tranquilidade.

— Não podem soltar ele. — Cassie disse com a voz entrecortada e ofegante do choro. — Não podem. *Não podem*. Ele vai acabar comigo. Ele vai...

Cassie soluçou e chorou copiosamente. Rapidamente, Scott a abraçou, trazendo-a para mais perto de si. Seus braços a envolveram com força, e, por um instante, Cassie sentiu uma ligeira segurança entre eles.

— Não vou te dizer para você não ficar com medo — Scott disse em voz baixa, perto do ouvido dela. —, porque não temos controle sobre isso. Mas saiba que eu não vou deixar ele chegar perto de você, Cass. Nós vamos resolver isso. Entendeu? Nós vamos nos garantir.. Vamos avisar a polícia, avisar o presídio, questionar... Vamos fazer de tudo, Cassie, *tudo*. Não vamos deixar esse cara chegar perto de você novamente, tá me ouvindo? Não vamos. Você vai ficar bem, Cass. Eu prometo.

E então, pela primeira vez em muito tempo, Cassie lentamente envolveu seus braços ao redor do tronco de Scott.

E se sentiu segura.

—

Capítulo 6

Gregor P., da Medicina: quero beijar a sua boca com os lábios da minha vagina. — Anônima

Ele havia abandonado as mensagens de celular e os recados perdidos no meio dos cadernos, armários e mochilas. Agora, ele estava apelando para recados em envelopes de carta passados por debaixo da porta.

Hoje é o grande dia. Você saberá quem sou. Faça tudo certo... Amo você.

Era o que dizia na carta, que Cassie fez questão de queimar com um isqueiro no banheiro.

Eu não sou obrigada a lidar com isso, ela pensou. E então, enquanto via o envelope ser consumido pelas chamas na pia do próprio banheiro, houve um estalo na sua mente. Ela precisava ter mostrado tudo aquilo para alguém. Ter denunciado. Instintivamente, Cassie ligou a torneira para apagar o fogo do envelope, mas já era tarde demais. Não restava quase nada além de papel escuro e chamuscado e, naquele momento, também úmido.

Cassie apertou a ponte do nariz. *Sua burra*, ela pensou. Não sabia sobrado nada: nem do envelope, nem dos recadinhos, nem das mensagens que ela recebia. Ela dava um fim em tudo, tentando fingir que aquilo não estava acontecendo, mas estava. Todas as provas de que ela estava sendo perseguida foram jogadas fora por ela mesma.

Ela apoiou as mãos sobre a beira da pia e encarou seu reflexo no espelho. Os cabelos louros estavam secos e bagunçados, resultado da sua má vontade de penteá-los ao acordar. O rosto carregava um cansaço de uma noite mal dormida, com olheiras marcadas e restos de rímel espalhados pelas bochechas.

Cassie poderia se arrumar, passar um BB Cream, um rímel, um gloss. Poderia estar mais apresentável. Só que ela simplesmente não queria.

Mas ela precisava sorrir. Era o que dizia a mensagem. Sorria, vá para a sua cafeteria preferida e receba o telefone do que seria o seu grande amor, a tal chance que ela não poderia desperdiçar, pois se arrependeria no futuro.

Cassie estava quase desistindo de seguir com aquilo tudo, e considerava seriamente em esquecer aquela história. Apesar de todo o empenho para

chegar até onde chegou, depois de ter desenterrado seu passado com Scott, sabendo que Scott estava fazendo de tudo para ajudá-la, Cassie sabia que não ia terminar bem, de qualquer forma. Se fosse Marco, ela denunciaria, chamaria a polícia e fim de história. Se fosse outra pessoa, ela talvez tomasse umas cervejas antes e desceria uns tabefes na cara por ter feito algo tão perturbador justamente *com ela*.

Grande amor da vida é uma ova, ela pensou.

Não era como se ninguém soubesse o que aconteceu entre ela e Marco. Eles saíram nos jornais, nos noticiários da cidade e do restante da região. *História de amor termina em ordem de restrição seguida de prisão*, era o que dizia as manchetes. O nome completo de Cassie e de Marco viraram assunto por semanas. O nome dele havia parado nos Trending Topics do Twitter, e ela inclusive precisou ver muitas garotas comentando, quando divulgaram as fotos de Marco: *minha nossa, até eu queria ser perseguida por esse cara*.

A universidade inteira sabia quem ela era, no mínimo, pelo menos quem compareceu ao último ano ou quem leu os jornais. Fazer com que Cassie seguisse aqueles passos, para no fim descobrir quem era, manipulando ela daquela forma, *sabendo* do que havia acontecido, era uma brincadeira muito de mal gosto.

E, por alguns instantes, durante a noite que havia passado se revirando na cama e em pensamentos, Cassie quase considerou que seu admirador secreto fosse Scott; que tudo aquilo seria uma ótima desculpa para que ela voltasse a falar com ele, depois de todo aquele tempo. Entretanto, ela sabia que Scott não era de uma laia tão baixa. Mesmo depois daquela noite que fez com que ela se afastasse dele, ela sabia Scott não era esse tipo de pessoa.

Porém, internamente, parte dela queria que tivesse sido Scott. Mas não daquela vez, não daquela maneira — de outro jeito, em um outro dia, com uma abordagem melhor, mais saudável. Que a fizesse se sentir amada e segura, como ela havia se sentido no último abraço com Scott. Ela se surpreendeu em perceber que, mesmo depois de todo aquele tempo, ela ainda conseguia se sentir segura nos braços dele.

Cassie suspirou pesadamente. Abriu a torneira novamente, pegou um pouco de água e jogou no próprio rosto, para acordar e fugir daqueles pensamentos. Cassie sabia que Scott era gay. A noite do armário deixou isso muito claro pra ela. Ela não tinha nenhuma chance.

Quando saiu da casa, não demorou a encontrar Scott parado próximo a entrada, apenas a aguardando. Instintivamente, ela deu um sorriso apertado. Scott havia se comprometido a acompanhá-la até suas aulas para que ela não ficasse sozinha pelo campus, mesmo que isso lhe custasse alguns atrasos nas

próprias aulas. Não pode deixar de achar legal da parte dele, e quase se sentiu de volta ao tempo em que eram melhores amigos, e faziam de tudo um pelo outro.

Scott estendeu o seu copo fumegante de café para ela, que aceitou prontamente.

— Algo me diz que você não dormiu bem — comentou ele, olhando para frente.

Cassie ajustou o cachecol que usava enquanto bebia o café e assentiu com a cabeça.

— Ansiedade — respondeu.

— Por conhecer o seu príncipe encantado, só que ao contrário? — Scott questionou com um tom ligeiramente debochado. Cassie apertou um sorriso novamente.

— É claro. Quero conhecer ele. Saber quem é. E aí meter um soco no meio das fuças. — Cassie devolveu o café para Scott. — No começo eu até achei interessante, sabe? Mas, olhando bem agora, não pretendo me envolver com alguém que me manipula desse jeito.

— Talvez seja uma pessoa que te conhece e que sabe que você vai fazer tudo pela curiosidade. Acho que essa pessoa só não conta que vai perder alguns dentes no processo. — Scott sugeriu, dando um sorriso torto. — Inclusive, você precisa sorrir, Cass. *Sorria!*

Cassie forçou seu melhor sorriso de “estou apenas fingindo que estou achando engraçado para que você acredite que é engraçadinho e me deixe em paz”.

— Você é um babaca — resmungou ela entre os dentes.

— Do melhor lote da produção do criador, minha querida. — Scott sorriu para ela enquanto jogava o copo do café no lixo.

Cassie passou o restante do dia sorrindo por tudo. Sorria enquanto conversava com Scott, sorria enquanto pegava um lanche, sorria quando saía da aula que tinha recém bombado em uma prova, sorria quando queria chorar pelo anúncio de outra prova na próxima semana... Sorria, principalmente, porque não sabia mais o que fazer, e por saber que as pessoas ao seu redor notaram isso e estavam se divertindo à sua custa. E em vez de sair xingando todo mundo, como gostaria de fazer, ela apenas continuava sorrindo.

No fim da última aula da tarde, ela encontrou Kylee conversando com Scott fora do prédio do seu departamento, o que pareceu uma surpresa por vários motivos. Ela ainda não estava acostumada com o fato de que Kylee havia mantido contato com Scott esse tempo todo, mas não era isso que mais a

surpreendia: Kylee *nunca* estava de bobeira numa tarde de sexta, zanzando pelo campus. Ela costumava ficar na irmandade, ajudando na preparação de alguma festa, o que especificamente deveria ser o caso daquele dia. A irmandade que as duas participavam daria uma festa no final de semana. Ver Kylee ali, conversando com Scott, sabendo que aquele era o momento de Cassie ir para a cafeteria, era uma novidade.

— Olá, estranha! — Kylee a cumprimentou, passando o braço sobre seu ombro e dando um beijo no rosto da amiga. — Como você está? Sua cara está horrível.

— Eu amo você também. — Cassie retrucou, apertando um sorriso.

— Sério mesmo, você está parecendo aquelas mulheres de meia idade que aplicaram tanto *botox* na cara que fica sorrindo para sempre, sabe? Só faltam os lábios carnudos falsos de Angelina Jolie para completar o figurino. — Kylee cutucou a bochecha de Cassie, que resmungou.

— O Sr. Admirador Secreto quer que ela sorria em algum momento certo que não sabemos qual é, porque não temos uma bola de cristal pra adivinhar — Scott explicou. —, então tem que ser o dia todo.

— Eu não aguento mais sorrir. — Confessou Cassie, aparentando cansaço. — Parece que estou naquela festa de família onde tenho que escutar as piadas ridículas dos tios, as perguntas sobre os estudos ou namorados ou maridos... E eu só tenho que continuar fingindo que estou adorando tudo, quando na verdade, se todos pegassem fogo eu não daria a mínima. — Ela revirou os olhos. — Minhas bochechas estão doendo.

Kylee ergueu as sobrancelhas.

— Ah! Aquilo ainda está rolando? Pensei que tivesse deixado de lado — Kylee comentou, genuinamente surpresa. Cassie não podia culpá-la. Ela realmente tinha enviado uma mensagem para ela dizendo que ia deixar a história do admirador secreto de lado, mas isso havia sido antes de ela falar com Scott e aceitar a ajuda dele. Agora, ela só queria saber quem era, pra se comprometer a permanecer longe daquela pessoa pelo resto da sua vida. — Inclusive, estou admirada em ver vocês dois convivendo juntos. Parece que o tal admirador secreto serviu para alguma coisa.

Cassie respirou fundo e fechou os olhos.

— Só vamos tomar a porcaria do cappuccino, por favor?

— Claro, com certeza. — Scott respondeu.

Kylee sorriu e enganchou no braço de Cassie e acompanhou até a cafeteria, com Scott seguindo ao lado delas.

No caminho, Kylee contou para Cassie como foram suas aulas até então, quem ela havia paquerado, quem parecia paquerá-la e, inclusive, comentou que suspeitava de que uma garota da biblioteca era sua admiradora secreta do último *spotted* que rolou para Kylee, quando as duas estavam na cafeteria e Cassie também recebeu.

Cassie ergueu as sobrancelhas com a revelação da amiga.

— Pensei que não estivesse indo atrás — confessou, encolhendo os ombros.

— Quero dizer, nova Amy e tudo mais.

Kylee estalou com a ponta da língua dos dentes e fez uma ligeira careta, dando de ombros logo em seguida e apertando um pouco o braço de Cassie.

— Ah, tem certas oportunidades que a gente não pode perder. A curiosidade também não me deixou ficar quieta, sem fazer nada, sabendo que alguma garota deseja esse corpinho. — Kylee deslizou a mão livre pelo próprio corpo, ato que fez com que Cassie desse uma gargalhada.

Logo em seguida, Cassie empurrou-a com o ombro.

— Você não vale uma meia suja.

— Eu sei — Kylee piscou. — Eu valho mais do que isso.

Cassie riu novamente e, sem demora, chegaram à cafeteria.

Sentaram-se na mesma mesa de sempre, e Cassie não pode deixar de sentir uma ligeira estranheza e até mesmo nostalgia ao ver Scott puxando uma cadeira a mais na mesa que costumava ser somente para as duas. Fazia anos que eles não sentavam juntos para tomar um café, conversarem, e atacarem as fatias de torta uns dos outros. E ela não podia negar: sentia falta daquilo mais do que imaginava.

A garçonete veio — coincidentemente, a preferida de Kylee —, e fizeram seus pedidos: para Cassie, um cappuccino; para Kylee, um chocolate quente; e para Scott, um cappuccino com chantilly e creme de chocolate.

Cassie ergueu as sobrancelhas para Scott, mas não disse nada; em contrapartida, Kylee observou sua expressão, riu e disse enquanto a garçonete se afastava:

— Eu sei. — Kylee piscou. — Scott fazendo pedidos parece uma criança.

— Qual é o problema do chantilly e do creme de chocolate no cappuccino? — Scott resmungou, revirando os olhos.

— O problema de que pedimos isso quando temos doze anos, não vinte e um.

— Cassie franziu as sobrancelhas e segurando um sorriso, apertando-o no canto dos lábios. — Provavelmente você não sabe, mas existe um ritual de

passagem para a vida adulta que inclui cappuccino sem chantilly e sem creme de chocolate.

— Kylee toma chocolate quente. Isso não é infantil *demais* para vocês? — Scott apontou para a amiga.

— Kylee pode. — Cassie sorriu.

— Por que ela pode e eu não?

— Porque eu sou uma mulher forte e independente e faço o que eu quiser. E porque estou de TPM. E também porque beijo mais garotas que você. — Kylee apontou.

Scott encarou Kylee, abrindo a boca em surpresa.

— Ah, por favor, você não pode ficar chocado com isso, né, Scott? — Cassie debochou para Scott.

— É claro que fico, porque é uma injustiça... — Ele começou a dizer, mas Kylee rapidamente o interrompeu, divertida:

— Eu beijar mais garotas do que você?

— Não, mas...

— Para de se doer com isso, você nem gosta de garotas. — Cassie o interrompeu.

Kylee deu uma gargalhada. Scott bufou e começou a dizer.

— Acontece, Cass, que eu...

— Com licença. — A garçonete estava do lado da mesa, com a bandeja em mãos, trazendo as três xícaras. — Seus pedidos — anunciou ela calmamente, colocando devagar cada xícara em seu devido lugar. Cappuccino para Cassie, chocolate quente para Kylee, cappuccino com chantilly para Scott. E, antes de sair da mesa, a garçonete olhou para Cassie. — Você é Cassandra Laphdary? — questionou.

Cassie desviou os olhos do seu cappuccino diretamente para a garçonete, e sentiu seu corpo esfriar por um instante.

— Sim — Cassie respondeu, hesitante. — Sim, sou eu.

A garçonete levou a mão até o bolso frontal do avental e tirou de lá um guardanapo dobrado ao meio, e estendeu-o para Cassie.

— Isso é para você — disse.

Cassie levou apenas alguns segundos para processar o que estava acabando de acontecer, e logo que se deu conta, deu um pulo na cadeira. Suas coxas

bateram contra a mesa quando ela se levantou, o que fez com que o cappuccino dela fosse derrubado, mas ela não deu a mínima; rapidamente pegou o guardanapo da mão da garçonete e, entre protestos de Kylee e Scott, Cassie caçou seu celular dentro da bolsa e foi para fora da cafeteria, fixando o olhar no guardanapo.

O telefone estava completo, escrito a caneta do guardanapo perfeitamente branco. Não era apenas mais uma sequência aleatória de números — o que, comparando com o que havia anotado, não tinha absolutamente nada de parecido. Ele estava completo, era da mesma região a qual ela morava, e era totalmente desconhecido para ela — mas ela não sabia dizer se aquilo era um alívio ou não. Não era difícil de conseguir outro chip, de outro número. Marco com certeza conseguiria fazer isso se quisesse.

Sem mais delongas, Cassie digitou o número no seu celular e discou. Tudo o que havia comido naquele dia e no dia anterior começou a se revirar no seu estômago de nervosismo e ansiedade. Ela sentiu os pelos do seu corpo se arrepiarem na primeira chamada. Sentiu o estômago se apertar na segunda. E já estava começando a sentir seu rosto esfriar na terceira, até ela ser cortada pela metade.

— Alô?

—

Capítulo 7

Para o estudante de veterinária mais gato desse campus: quando é que você vem cuidar dessa gata que está no cio aqui? — Anônima

Não é Marco.

Não é Marco.

Não é Marco!

Foi a única coisa que Cassie conseguiu pensar naqueles primeiros segundos após a sua chamada ter sido atendida. A voz era masculina e grave, mas nada familiar para ela. Ela saberia se fosse Marco, tinha certeza — ainda podia jurar que escutava a voz dele uma vez ou outra, nos seus piores momentos de solidão, achando que ele a estava espreitando novamente como fazia quando estava solto e ainda a perturbava.

Cassie sentiu um alívio tomar conta de si, acompanhado de uma centelha de esperança e ao mesmo tempo de incômodo. Ela estava feliz e aliviada por ser outra pessoa, só não conseguia se sentir contente o suficiente depois de tudo o que passou, toda a manipulação inconsciente que sofreu apenas para chegar até aquele momento: o momento em que ela liga para a pessoa para, supostamente, descobrir quem era.

Ela respirou fundo, tentando controlar os sentimentos contraditórios que tentavam falar por si enquanto estava lá.

— Alô — disse. — Aqui é a Cassandra. Cassandra Laphdary.

— *Ei, Cassandra!* — A voz se animou, e ela jurou ter ouvido o som de uma cadeira de rodinhas girando ao fundo e estalando ao perder o peso do seu ocupante. — *Como você está? O cappuccino estava bom?*

— Eu o derrubei na mesa — respondeu enquanto apoiava o peso do corpo sobre uma perna e cruzando um dos braços abaixo do busto, olhando para os lados. Não havia nada com cadeira de rodinhas por perto, apenas árvores, bancos e um calçamento que ligava todos os prédios. O seu admirador provavelmente estava em algum laboratório, ou escritório, não por perto dela para ver a sua reação, o que era um ponto positivo. Não tão bizarro como ela imaginou que seria, ele estando à espreita para saber o que ela faria.

— *Sério?* — O admirador riu. — *Por quê?*

— Porque eu estava ansiosa para saber quem você é — replicou, um tanto impaciente. — E agora estamos aqui. Que tal partirmos para o que interessa, e você me diz logo quem você?

— *Ei.* — Cassie notou que ele pareceu ligeiramente ofendido e surpreso. — *Desculpe. Meu nome é Jason. Eu faço ciência da computação.*

— Jason — Cassie repetiu o nome dele como se tentasse associar ou se lembrar de algo. Ela definitivamente não conhecia, ou pelo menos não se lembrava, de nenhum Jason nerd. — Ok, Jason. Como você me conhece? Porque eu definitivamente não te conheço.

— *Bom, você é amiga da Kylee. Kylee ficava com uma colega minha...*

— Que colega?

— *Amanda Cardon?* — Jason deu uma risada curta, e Cassie apertou os lábios. Amanda Cardon era a famosa Amy de Kylee. Cassie não estava gostando nem um pouco do rumo daquela conversa. — *Bom, eu sei que vocês são bem amigas e vão na mesma cafeteria quase todos os dias. E eu quase sempre te via lá quando eu não estava no estágio, e sempre quis chegar em você. Ia até aproveitar a oportunidade pela Amy ser próxima e tentar me integrar ao grupo, mas... Bom, elas terminaram, e tive que fazer tudo por minha conta. Foi onde resolvi montar esse esquema todo, e fazer com que você conseguisse meu telefone pela cafeteria.* — Ele dizia tudo para ela de uma forma tão empolgada e pomposa que parecia estar orgulhoso do seu feito. Cassie imaginou que ele definitivamente estava *mesmo* orgulhoso, apesar da pouca receptividade dela. Ele provavelmente estava pensando que a estava conquistando com todo aquele papinho. — *Grande ideia, não?*

— Grande ideia? — Cassie riu nervosamente e bateu com a mão na própria cintura. — Você me manipulou, me fez voltar a ter um medo que estou tentando abandonar e acha que foi *uma grande ideia*? Vem cá, você ao menos me *conhece* de verdade?

— *Manipulei...? O que você...?* — A voz dele morreu por um instante, e ela ouviu um barulho que mais parecia um tapa contra a pele. — *Ah, merda. Merda, merda. Cassandra, me desculpe. Eu me esqueci... Nossa, como eu pude fazer isso?* — Ele parecia seriamente arrependido e assustado. — *Me desculpe, Cassandra, eu me esqueci completamente a respeito do... Do cara. Me desculpe. Olha, eu não...*

— Só diga o que você quer comigo — Cassie resmungou, sentindo os olhos arderem.

— *Eu nunca quis te fazer nenhum mal. Eu juro. Caramba, eu juro mesmo.* — Ele dizia desesperadamente. — *Eu... Eu tinha planos, se desse tudo certo, de ter levar no Bingley's, no sábado. Ouvi dizer que você gosta de lá, por causa dos pratos de homenagem a Orgulho e Preconceito... Mas se não quiser depois disso tudo, eu... Eu entendo. Perfeitamente. E prometo nunca mais te incomodar.*

Cassie fechou os olhos e respirou fundo. Ela definitivamente amava o Bingley's. Mas fazia eras que ela não ia lá. Marco havia a convidado para ir ao restaurante antes de ele surtar completamente, e desde então ela passou a ver o restaurante como um serviço inacabado dele; como se ele estivesse lá, sentado em alguma mesa, esperando por ela...

— Não — respondeu duramente. — Não vou me encontrar com você. Me desculpe, Jason. Depois disso tudo...

— *Eu entendo.* — Respondeu ele logo que a voz de Cassie morreu ao fim da frase, como se não tivesse mais nada a acrescentar. Cassie notou que ele parecia claramente magoado. Havia realizado a tática de conquista certa com a garota errada; a garota que não via nada de romantismo no que ele estava tentando fazer. — *Sinto muito, Cassandra. Eu não queria te magoar.*

— Tudo bem — replicou ela com a voz fraca.

— *E... Bom. Eu fui convidado para a festa da sua irmandade. A princípio eu vou, e se você quiser conversar... Na boa, sem segundas intenções, apenas para me conhecer e ter a certeza de que não sou...*

— Nenhum *stalker* psicopata maníaco? — Completou ela.

Ele deu uma risada curta.

— *É* — concordou. — *Eu juro que sou do bem. Juro mesmo.*

Cassie respirou fundo novamente.

— Tudo bem — disse, suspirando logo em seguida. — Se eu for para a festa, encontro você lá.

— *Ok* — disse ele. Sua voz parecia pouco mais animada. — *Legal falar com você, Cassandra. Desculpe por qualquer coisa.*

— *Ok.*

Então, Cassie desligou. E antes que pudesse organizar seus pensamentos, ouviu alguém falar atrás dela:

— Quem era?

Cassie se virou rapidamente, sentindo a garganta trancar e os olhos arderem

por um instante. Kylee a encarava, com os olhos curiosos e assustados, os braços cruzados contra o corpo, apertando o suéter que usava na tentativa de afastar o frio. Só então que Cassie percebeu que seu rosto e seus dedos estavam gelados, porque, no auge do seu desespero para fazer a maldita da ligação, ela havia deixado o casaco dentro da cafeteria.

Sem a resposta da amiga, Kylee simplesmente pegou-a pelos ombros e a levou para dentro da cafeteria novamente. Cassie se sentou na cadeira, sendo seguida pelo olhar preocupado de Scott, enquanto se ajustava na cadeira e recolocava seu casaco.

O silêncio havia se instalado entre eles, e por um momento Cassie observou a mesa. Estava perfeitamente limpa, e seu cappuccino havia sido substituído, ao tempo em que Kylee e Scott já tinham terminado suas bebidas. Cassie levou apenas mais alguns segundos para respirar fundo e finalmente responder:

— Não era Marco. — Seus ombros caíram com o suspiro. — Era um tal de Jason.

Ela viu Kylee relaxar na cadeira.

— Menos mal — Kylee comentou. — O que mais ele disse? Vocês pareceram ficar uma eternidade ali.

— Ele disse que conhecia Amy. — Cassie encarou Kylee de modo quase julgador.

Kylee apertou os lábios.

— Oferta que não presta sempre volta — Kylee resmungou.

— Bom, ele parecia legal? — Scott perguntou, apoiando a mão sobre o próprio joelho. — Vocês combinaram alguma coisa?

Cassie balançou a cabeça.

— Ele parecia... Normal. Ficou bem chateado consigo mesmo quando reclamei disso tudo, porque não se lembrava de Marco. Provavelmente não imaginava que isso tudo me afetaria tanto e me faria lembrar de Marco. — Cassie encolheu os ombros. — Ele queria me levar no Bingley's, mas não aceitei. Então ele disse que estaria na festa da irmandade amanhã, e só combinamos um esbarrão eventual.

— O que significa que você vai participar da festa então. — Os olhos de Kylee estavam ligeiramente esperançosos por trás da preocupação.

Cassie encolheu os ombros novamente.

— Não tenho mais nada para fazer. E não estou com pique nenhum para escrever, não depois disso tudo o que aconteceu. — Suspirou pesadamente. —

Acho que irei, sim. Mais pela festa do que por ele.

— Sei — Scott riu. — De qualquer forma, você precisará tomar cuidado. Ele pode ter parecido um cara normal no telefone, mas nunca dá para saber se ele é realmente assim pessoalmente. Não sabemos se ele pode colocar alguma coisa na sua bebida, ou tentar entrar no seu quarto, ou... Sei lá.

— Vou ficar de olho nisso. Vou cuidar de você, Cass. — Kylee estendeu a mão para tocar o ombro de Cassie. — Mas, que bom que pelo menos não era o Marco. Um problema a menos. Deve ser um alívio pra você saber que ele não pode te perseguir mais.

— É — Cassie respondeu a um fio de voz. E então, desviou os olhos para Kylee. — Você conhece ele, talvez? Ouviu falar de algum Jason amigo da Amy?

Kylee franziu o cenho.

— Eu acho que não, Cass. Não me lembro de conhecer nenhum Jason. — Kylee disse, sincera, em tom de desculpas. — Eu posso revirar meus contatos depois, olhar meu Facebook, mas de cabeça não me lembro.

— Tudo bem, Ky. — Cassie disse, assentindo a cabeça.

Ela não sabia exatamente como se sentia. Tudo aquilo, toda aquela pegadinha de Jason, a havia afetado *tanto*. Ela ainda se sentia insegura, com medo, e ainda desconfiava muito. Ela não fazia ideia de quem ele era, não o conhecia. sequer havia ouvido falar dele em algum momento.

O celular de Scott apitou sobre a mesa, fazendo Cassie voltar a atenção para a realidade. Ele pegou o celular, olhou sobre a tela e, com um suspiro, sorriu para as duas.

— Bom — disse. — Já que descobrimos quem é o admirador secreto, acredito que meu trabalho tenha sido finalizado. Cassie está perfeitamente salva até agora. E eu preciso ir, tenho uns compromissos na rádio hoje, vão lançar o *spotted* especial ainda hoje e preciso ajudar a Lena.

— Certo, Sr. Radialista — Kylee riu e estendeu a mão para apertar seu antebraço. — Ah, você vai na festa também?

Cassie viu que Scott olhou para ela por um instante, antes de voltar a olhar para Kylee e responder:

— Talvez. Não sei. Depende da escala da rádio. — Ele deu de ombros. — Mas vou tentar passar lá. E, bom, preciso ir. Até mais.

— Até mais! — Kylee disse enquanto ele já se afastava, carregando sua mochila consigo. A amiga suspirou pesadamente e olhou para Cassie,

erguendo uma sobrancelha. — Curioso.

— O quê? — Cassie questionou, após criar coragem de bebericar seu novo cappuccino pela primeira vez.

— Você e Scott. Agindo como pessoas normais até... — Kylee fechou a mão em punho e depois abriu os dedos, como se simulasse uma explosão. — *Bum*. De repente você atende a ligação, descobre quem é seu admirador secreto, e nenhum dos dois está feliz com isso.

Cassie apertou os lábios.

— É que por um momento, eu... — Sua voz morreu repentinamente, e ela balançou a cabeça rapidamente. — Nada. Deixa pra lá.

— Por um momento, o quê? — Kylee insistiu, séria. — Você pensou que Scott fosse o dono do *spotted*?

Cassie encarou Kylee, resignada.

— Passou pela minha cabeça a possibilidade. Mas não considere realmente — Confessou. — Até porque ele sabe o que eu passei. *Todo mundo* sabe o que eu passei por causa de Marco. Dar uma de manipuladorzinho através disso tudo é uma brincadeira muito de mal gosto, até mesmo para Scott. E além do mais, ele não gosta... De mim. Nem de outras meninas.

Cassie viu Kylee dar um sorriso amigável e divertido, e sentiu a mão da amiga afagar seu ombro.

— Sabe, para ser sincera, parte de mim estava na torcida de que fosse ele, apesar de também concordar com você sobre ser uma brincadeira de mal gosto. — Kylee suspirou, e deu um aperto no ombro de Cassie. — E, Cass... Scott não é gay. Não é só porque nada rolou entre vocês naquela noite que significa que ele seja gay. Mas acho que você sabe disso, não sabe?

Cassie deu uma risada curta.

— Ele pareceu estar desinteressado em garotas desde aquela noite. — Cassie retrucou, olhando para baixo.

Kylee balançou a cabeça e revirou os olhos.

— Tire isso da sua cabeça. — ordenou. — E beba esse seu cappuccino, a garçonete não fez outro depois de limpar a sujeira pra nada. E se você for mesmo para a festa amanhã, e eu quero garantir que você vá, você precisará ajudar, se não as meninas vão te encher o saco pelo resto da vida por beber e não ajudar em nada.

Cassie apenas sorriu, e voltou a tomar seu cappuccino.

—

Capítulo 8

K. Page: vem aqui me ensinar como dois corpos ocupam o mesmo espaço. — Anônima

Cassie já havia respirado fundo pelo menos dezessete vezes enquanto encarava seu reflexo no espelho, com o pincel do delineador nas mãos, tomando coragem para finalizar o seu delineado de gatinho o mais perfeito possível. Normalmente, ela se maquiava tão fácil e rapidamente como escovava os dentes, mas naquele dia estava especialmente nervosa. Era a festa da irmandade, e, além de preocupada, também se sentia ansiosa.

Desviou os olhos do seu reflexo para o celular em cima da cama, na mensagem aberta, do telefone desconhecido que vivia lhe mandando mensagens sobre amor, retorno de ligações e frases de Shakespeare. Seu estômago se revirou novamente e ela apertou o balde que havia colocado entre suas pernas para algum caso de emergência. Sentia que estava prestes a vomitar durante o dia inteiro, desde que havia lido a mensagem que recebeu.

Hoje eu vou te ver. Você é maravilhosa, não me canso de dizer isso!

Eu te amo. Até mais tarde. Vejo você no deck!

Cassie não havia pensado nas mensagens que vinha recebendo diariamente desde que havia ligado para Jason, um dia antes. Até aquele momento, ela pensou que elas fossem dele, mas a caçada ao admirador acabou, ela descobriu quem ele era e o dispensou. E, mesmo assim, as mensagens continuaram vindo, de outro telefone desconhecido.

Não fazia sentido, ela constatou. As mensagens e as pistas se interligavam nos últimos dias, parecendo ser do mesmo remetente, todas de Jason. Mas havia acabado. *Será que ele não sabe levar um fora?*, ela se questionou. Parte dela queria acreditar que Jason era mesmo insistente. Mas a outra parte começou a desenvolver uma segunda hipótese, dando voltas e voltas na sua cabeça, enchendo-a de paranoia novamente.

— Como está aí? — Cassie deu um pulo com o questionamento e olhou para trás, apenas para ver que era Kylee na porta.

Ela não deixou de se surpreender ao ver que Kylee estava perfeitamente bem arrumada. Não era muito do feitio dela; Kylee gostava de usar jeans e

coturnos, a sua peça de mais sofisticação normalmente consistia em um blazer. Naquela noite, entretanto, ela usava uma saia, meia-calça, botas, e um body bordô de mangas compridas que ela havia claramente surrupiado do guarda-roupa de Cassie em algum momento do dia.

— Adorei o body. — Cassie pontuou.

— Lindo, não é? — Kylee comentou, cínica. — E você, como está? Me mostra!

Cassie suspirou. Ela usava um vestido branco e romântico, acompanhado de uma jaqueta de couro preta, meia-calça e um par de coturnos que ela havia surrupiado de Kylee.

— Um body por um coturno. Justo. — Kylee comentou. — Você já está pronta?

— Ainda não — Cassie respondeu. — Falta só o delineador, na verdade.

— Então apresse. O pessoal já está chegando e as meninas precisam de ajuda nas bebidas. — Kylee piscou para ela, e sorriu. — Você está linda, inclusive.

Cassie forçou um sorriso.

— Obrigada. Você também está. — Cassie piscou para a amiga. — Desço em cinco minutos.

— Cinco minutos! — Kylee disse enquanto se afastava e saiu descendo as escadas.

No mesmo instante, Cassie ouviu alguém aumentar o som da música, e suspirou pesadamente. Se alguém perguntasse, ela responderia que estava um *pouquinho* arrependida de não ter sumido naquela noite e ido para qualquer outro lugar. Ela normalmente gostava das festas da irmandade; o seu grande problema era sempre o *depois*.

As meninas organizavam a festa inteira, gastavam horrores com comida e bebidas, e sempre se esqueciam de deixar uma caixinha para pagar uma diarista limpar tudo no dia seguinte. Quando alguém lembrava desse detalhe, elas sempre diziam: “nós damos conta, se fizermos tudo juntas a gente limpa rapidinho”. Mas elas nunca davam conta. Porque normalmente estavam todas de ressaca no dia seguinte e mal conseguiam arrumar o próprio quarto. Era sempre a mesma meia dúzia de meninas que se empenhavam em pelo menos passar uma vassoura pela casa — e Cassie normalmente estava entre elas.

Olhando para o seu reflexo novamente, Cassie puxou o canto do olho e terminou o delineado de gatinho que sempre fazia. Repetiu o procedimento no outro olho, reaplicou o rímel e retocou o batom de um tom vinho. Ajeitou o cabelo rapidamente enquanto se olhava no espelho. Sentia-se bonita, com os

cabelos louros ajeitados e os olhos castanho-claros destacados pela maquiagem, ficando ainda maiores e brilhantes. Umedeceu os lábios novamente para espalhar mais o batom e depois deu as costas para o espelho, largando o balde que tinha deixado entre as suas pernas de qualquer jeito pelo quarto.

Olhou de relance para o celular e seu estômago se apertou. A mensagem ainda estava aberta, e percebeu que as pontas de seus dedos tremiam enquanto ela pensava na possibilidade de o autor dessas mensagens ser Marco. Ela também não tinha coragem de ligar para Jason novamente e questionar se aquele número era dele — na primeira vez que havia tentado, a ligação caiu na caixa postal, o que a deixou ainda mais incomodada.

Suspirando, Cassie pegou o celular e jogou-o para dentro da última gaveta do seu guarda-roupa, perfeitamente bem escondido. Caso alguém entrasse no seu quarto naquela noite, pelo menos o celular não iria levar.

Seguiu até a porta, pegou a chave e trancou. Mais do que se preocupar em alguém roubar seu celular, Cassie estava preocupada em alguém transar em sua cama naquela noite. Ela sabia muito bem como as festas do dia dos namorados eram loucas: as pessoas estavam carentes demais e desesperadas por sexo e faziam em tudo quanto é lugar. Ela ainda não se conformava com o fato de que a *sua* irmandade havia se responsabilizado por fazer aquela festa, porque era uma data completamente sem lei e sem limites.

Guardando a chave no bolso da jaqueta, Cassie desceu as escadas e foi ajudar as meninas, servindo as bebidas, enchendo os potes com salgadinhos e chocolates e checando a quantidade de barris de cerveja que estavam na despensa da cozinha.

Parte da noite de Cassie seguiu com ela tomando apenas um copo de cerveja — ela acreditava que se tomasse mais, vomitaria certamente —, ajudando as meninas a servirem os convidados e conferindo se ninguém estava fazendo nada de errado.

Vira e mexe, Cassie se pegava olhando para o deck. Ele era bem afastado da casa, tinha uma banheira de hidromassagem quebrada que ninguém arrumava, e andando um pouco mais era possível entrar em um bosque do campus. Só de olhar para lá, ela já sentia arrepios, e fez questão de se manter distante o tempo todo.

Em certa altura da noite, Cassie sentiu alguém esbarrar em seu ombro, e quando virou-se para reclamar, deu de cara com Scott, que erguia as sobrancelhas, surpreso.

— Você por aqui! — Disse ele em voz alta para se fazer ser ouvido dentro da

casa, que vibrava com o som da música alta. — Pensei que não iria participar! — Bom, é a *minha* irmandade. Não tive como fugir! — Cassie respondeu no mesmo tom. — Está gostando?

— Cheguei agora. Não tenho muito o que falar. — retrucou ele e olhou para os lados, até voltar a encarar Cassie. — E aí, encontrou o Jason?

Cassie balançou a cabeça negativamente.

— Por que não? — Scott perguntou. — Parecia um bom partido!

— Não mesmo. Não estou com estômago para isso — respondeu, cruzando os braços e olhando para os lados, incomodada.

Não levou muito tempo até que Scott questionasse:

— O que houve? Você não parece bem. — Ele abaixou os olhos para as mãos dela, em especial para uma que segurava um copo vazio. — Você nem está bebendo! O que é isso, *you* não está bebendo na festa da *sua* irmandade?

Cassie olhou para ele, sentindo-se apreensiva. Ela ainda estava nervosa e não estava conseguindo relaxar sobre a história das mensagens. Mais do que isso, ela sentia que precisava compartilhar isso com alguém. Não podia simplesmente ir se isolando, ou fingindo que nada estava acontecendo. Ela precisava fazer alguma coisa.

— Preciso falar com você — disse ela, puxando Scott pelo braço para uma parte mais calma da casa, logo ao lado da escada, onde o som já estava mais baixo. Ela encostou-se à escada e Scott ficou de frente para ela.

— O que foi? — Scott perguntou com a voz em um tom mais normal.

— Eu tenho recebido mensagens — Cassie começou rapidamente a gesticular nervosamente. — E algumas ligações, de vez em quando. De números desconhecidos. Parece a mesma pessoa, sabe? Vive me mandando mensagens sobre me amar, sobre pedir para eu atender as ligações... No começo achei que fosse alguém enviando mensagens para, sei lá, o número errado da namoradinha ou coisa do tipo. — Suspirou. — Mas nos últimos dias tem batido muito com a realidade. Eu achei que fosse Jason, porque recebi uma carta, mas queimei, só que ela falava *exatamente* sobre a mensagem do Jason, no *spotted*. Eu realmente pensei que fosse ele, e até aí tudo bem, certo? Ele estava tentando chamar minha atenção. Mas o lance do admirador acabou e as mensagens continuam vindo. E eu estou preocupada que... — Engoliu a seco. — Eu estou preocupada que seja Marco.

— O quê? Peraí. Segura um pouco. A mensagem não falava exatamente sobre o *spotted*? — Scott questionou.

— É. Eu sei, parece estranho, mas... O tal Jason do telefone não parece ser alguém tão invasivo assim. Eu... Eu acho que Marco sabe, e está tentando, sei lá, entrar no jogo e se passar por Jason ou coisa parecida, não sei. Pode ser loucura da minha cabeça, ou... — Balançou negativamente com a cabeça. — Não importa. Recebi uma mensagem hoje, falando que esperava me ver hoje no deck, e estou propositalmente evitando o deck para não me esbarrar com ninguém inesperado lá.

Cassie notou que Scott a encarava atentamente, absorvendo cada palavra. Internamente, Cassie ficou admirada. Nem mesmo Kylee costumava dar tanta atenção quando Cassie começava a surtar com suas paranoias sobre a possibilidade de Marco sair. Muitas vezes, ela soltava uma série de “aham”, “claro”, “pois é”, e terminava sempre com um “ele está na cadeia, você sabe, não sabe?”. Mas Scott estava lá, em silêncio, absorvendo tudo.

Por um instante, ela quis abraçá-lo.

— Olha — disse ele, quando ela terminou de falar. — Primeiro: fica calma, não surta. Segundo: você está com o seu celular aí? Eu tenho um aplicativo que consegue identificar alguns números... Foi um hacker aqui da universidade que desenvolveu para esse tipo de situação, sabe. Ele consegue caçar no banco de dados o dono do telefone e podemos tirar a dúvida sobre quem pode ser. — A mão dele tocou o ombro dela, carinhosamente. — Se for de chip descartável, posso tentar falar com ele hoje para saber onde foi comprado e por quem, se tiver sido no cartão ou coisa do tipo.

— Claro. Tudo bem. — Cassie assentiu rapidamente com a cabeça. — Não sei os números de cor, mas o meu celular está lá em cima, no meu quarto. Deixei ele largado no guarda-roupa. — Ela apertou os lábios, insegura. — Se importa de me acompanhar? Só para me esperar na porta e conferir se ninguém me segue? Só vou pegar o celular e aí já resolvemos tudo.

— Claro, Cass. Sem problemas. — Ele respondeu calmamente.

Cassie não reparou, até aquele momento, em como sentia falta da amizade carinhosa que tinha com Scott. Que sentia falta do modo como ele sempre a ouvia, sempre a tratava bem e sempre estava ao seu lado. Kylee, de fato, era sua melhor amiga, mas era um péssimo ombro para se apoiar, ela reconhecia isso. Mas Scott... Scott nunca havia falhado com ela. Talvez fosse isso que fez com que Cassie se apaixonasse por ele, anos atrás.

Eles assentiram com a cabeça em concordância e começaram a se retirar de perto da escada. Não deram muitos passos, até que uma garota de cabelos curtos e delineador forte nos olhos escuros parou Cassie, segurando-a pelo ombro.

— Você é Cassandra? — A moça perguntou. — Cassandra Laphdary?

Cassie se arrepiou. Não estava gostando de como as pessoas a estavam abordando daquela forma durante a semana, e sabia que nada de bom vinha de algo assim.

— Sou — respondeu contragosto.

Os olhos da moça se arregalaram.

— Cassandra do perseguidor, certo? De Marco Nedved? — A moça voltou a questionar.

Cassie sentiu as pernas vacilarem por um instante.

— O que tem ele? — Não foi Cassie quem perguntou, e sim Scott, que se colocou ao lado dela, passando a mão pelo seu ombro para lhe dar um suporte. Cassie ficou muda, sentindo a garganta e o resto do corpo gelarem com as palavras da moça desconhecida.

A moça olhou para Scott, e depois para Cassie novamente, e franziu o cenho. Então, meteu a mão no bolso da calça que usava, pegou o celular, e virou a tela para os dois, adiantando a notícia que estava estampada no jornal online da região:

— Ele fugiu.

—

Capítulo 9

Madison Sellers, para de se questionar e me beija logo! Te espero no próximo happy hour, viu? — Anônimo

Cassie tinha medo de aranhas. Mas também tinha medo de trovões, e de palhaços, e de principalmente ser humilhada em público. Também tinha medo de morrer sofrendo, de não realizar seus maiores desejos, de perder seu rumo na vida, nunca atingir seus objetivos e ser um fracasso vivo. Pensar que talvez sua carreira de escritora não dê certo era algo que a atormentava e tirava o sono por muitas noites.

Mas nem todos aqueles medos juntos eram capazes de bater o pavor que a atingiu quando leu a manchete do jornal, as palavras que ela esperava nunca ler ou ouvir algum dia em sua vida.

Criminoso condenado por perseguir e ameaçar universitária foge nesta manhã.

Mais abaixo, Cassie conseguiu ler apenas curtos trechos. *Evento combinado com agente penitenciário... Disfarce... Fuga pela manhã... Descoberto ao fim da manhã...*

Mas o que mais havia lhe chamado a atenção naquilo tudo foi o nome do agente que auxiliou Marco em sua fuga: Jason Carmichael.

Em um trecho, informava que Jason havia sido estudante da Universidade de Coldsprings, que havia iniciado as matérias do curso de ciências da computação, mas largou sem motivo aparente e foi acabar como agente da penitenciária. Supunha-se que havia conhecido Marco na própria universidade, e que talvez tenha sido pela possível amizade que criaram que ele se comprometeu a ajudá-lo a fugir.

Cassie sentiu tudo girar ao seu redor, e seu estômago se apertou ainda mais. A náusea veio com toda força, o que a fez se obrigar a ir até o vaso de planta mais próximo e vomitar tudo o que tinha e não tinha dentro de si.

Era ele, ela pensava, sempre foi Marco, desde o início, foi ele. Nunca foi outra pessoa.

Ela ouviu Scott a chamar e a amparar, mas rapidamente se ergueu e se desvencilhou de seus braços, correndo para as escadas e indo em direção ao

seu próprio quarto. Continuou ouvindo Scott chamá-la e vindo atrás dela quando abriu a porta do quarto e escancarou o guarda-roupa, caçando o celular que havia escondido. Instantes depois, pegou-o, ainda com as mãos entre as peças, e olhou a tela.

Você tem 1 nova mensagem.

Com os dedos trêmulos, ela abriu a mensagem, e sentiu seu coração acelerar ao ler.

— Cassie! — Scott arfou na porta do quarto. Ela fechou a gaveta no mesmo momento e virou-se de lado para ele. — Cassie. — Ele suspirou. — Fique calma. Pegou seu celular? Vou te levar para fora daqui, para um lugar seguro, e vamos chamar a polícia...

— Você não vai me levar a nenhum lugar. Eu vou ficar aqui. — Cassie o interrompeu.

— O quê? Não seja id...

— Se formos para um lugar isolado, vai ser pior. Ele vai nos seguir. Ele pode ter uma arma, ter algo que possa usar para me chantagear! — Interrompeu. — Nós temos muito mais chances *aqui*. A casa está cheia. Qualquer pessoa vai saber quem ele é. Ele não vai ser louco de fazer qualquer coisa que chame a atenção *aqui*.

— As pessoas estão começando a ficarem bem bêbadas, Cassie. Você acha *mesmo* que vão saber quem ele é? — Questionou Scott.

Cassie balançou a cabeça e continuou:

— Chame a polícia, diga que ele está vindo para cá. Porque é óbvio que ele virá para cá. Diga para serem discretos, pois a qualquer sinal de perigo, Marco irá embora e não vamos conseguir pegar ele.

— Não *vamos* conseguir? — Scott indagou. — Não me diga que você quer se meter nessa, Cass, pelo amor de deus.

— Marco é louco, perseguidor, maníaco. Mas ele também é louco por mim. Ele não faria tudo isso se não fosse *por mim*. — Cassie apontou para si mesma. — A isca sou eu, Scott. Ele precisa me encontrar, e quando me encontrar, a polícia deve pegá-lo também. Ele estará onde eu estiver.

— Você não vai ficar no mesmo lugar que aquele louco! — Scott aumentou o tom de voz. — Eu não vou...!

— Você *não tem* que absolutamente nada! — Cassie retrucou, falando ainda mais alto do que ele, o rosto fervendo com a raiva repentina que a dominou. — E por favor, *nunca mais* fale assim comigo, tá bem? Nunca!

Pisando forte e empurrando Scott com toda a força que tinha, Cassie abriu espaço para sair do quarto e seguiu rapidamente pelas escadas. Não demorou a escutar os protestos de Scott, mas logo largou a jaqueta que usava em qualquer canto, prendeu o cabelo em um coque baixo e seguiu para a cozinha, para pegar a primeira bebida forte o suficiente que aparecesse, para que tivesse coragem de fazer o que iria fazer a seguir.

Kylee estava na cozinha, servindo-se de uma vodka russa importada, que certamente outra pessoa havia trazido. Kylee sorriu quando a viu, mas rapidamente o sorriso desapareceu e ela manteve seus olhos arregalados em surpresa ao ver que Cassie estava enchendo o próprio copo com vodka russa.

— Desde quando você voltou a gostar de vodka? — Kylee questionou.

— Não gosto. — Cassie resmungou e deu um longo gole.

— Vai com calma, *cowboy*. Já não basta a Jessie ser a vomitona da casa, não quero ter que limpar seu vômito depois *também*. — Kylee ergueu uma sobrancelha e fez uma ligeira expressão de nojo. — O que foi que aconteceu?

— Scott e eu brigamos. — Cassie respondeu após terminar o seu copo e fazer uma careta. Ela pousou o copo sobre a bancada e empurrou-o para frente, e olhou para os lados. — Que horas são?

De canto, Cassie pode ver Kylee levantando o braço na altura no peito para checar seu relógio de pulso.

— Quase onze horas — respondeu.

Cassie assentiu com a cabeça.

— Se você encontrar o Scott, diga para ele me ver no deck às onze e vinte — disse.

— Estou confusa. — Kylee ergueu as sobrancelhas, expressando confusão. — Vocês brigaram, mas quer que ele te encontre no deck às onze e vinte? — Piscou. — O que você está aprontando, Cass? O que *realmente* está acontecendo?

Cassie sorriu de lado para Kylee e desencostou-se da bancada antes de dizer:

— Você vai ver.

*

O corpo de Cassie começava a esquentar devagar conforme a vodka fazia efeito sobre ela. Fazia anos que não bebia uma boa vodka, mais precisamente

desde que tinha dezessete anos e havia tomado seu primeiro porre de quase entrar em coma alcoólico em uma festa de um veterano da sua escola. Desde então, Cassie havia passado longe de todo e qualquer outro destilado — com exceção de tequilas, uma vez ou outra —, com medo de que o evento se repetisse.

Mas a verdade é que, naquela noite, ela queria mais entrar em coma alcoólico do que encarar o que estava por vir. Na verdade, Cassie preferia estar morta a bancar a heroína e encarar toda a merda que estava por acontecer.

A mensagem dizia claramente o que fazer a seguir. *Me encontre no deck, às 23h20?* Cassie poderia ignorar a mensagem. Poderia mandar a polícia para lá e se esconder no conforto de seu quarto. Mas sabia que Marco era mais esperto, e que ele perceberia a presença da polícia, da mesma forma como ela também sabia que ele não costumava ser tão esperto na presença dela. Havia algo em Cassie que deixava Marco tão desconcertado que ele se tornava um perfeito imbecil.

E ela sabia que precisava usar isso para conseguir segurá-lo no lugar, distraí-lo, até a polícia chegar, para que pudessem prendê-lo e levarem-no para o lugar onde ele merecia estar: na prisão. E, daquela vez, em companhia de seu amigo Jason.

De longe, ela ouvia o barulho da festa e das pessoas dentro da casa. Para a sorte — ou azar — dela, poucos se arriscariam ficar fora da casa da irmandade pelo frio que fazia naquela noite; apesar de ser fevereiro, Coldsprings não era famosa por verões antecipados após o natal, e sim, por verões atrasados e curtos demais. Cassie começou a ficar arrependida de ter largado sua jaqueta em qualquer canto, sentindo na pele naquele momento o frio, enquanto tentava se aquecer esfregando as mãos nos próprios braços. Também havia soltado o cabelo na tentativa de aquecer a nuca arrepiada. Erguendo os olhos, conseguiu ver a torre do campus que mostrava o relógio de ponteiro bem iluminado para aquela noite. Ainda não era onze e vinte da noite, mas estava quase.

Repentinamente, sentiu algo quente a envolver e levou apenas um instante para perceber que era um casaco comprido, grosso e pesado, com forma aparentemente masculina, pelo modo como não encaixou bem em seus ombros estreitos e ficou muito grande nela. Rapidamente, virou-se para trás, de onde o casaco havia surgido do nada, e viu o seu benfeitor do momento.

Seu coração congelou, e ela precisou segurar o vômito novamente.

Ele estava diferente, mas ainda era claramente ele. Tinha uma cicatriz no supercílio, os cabelos estavam curtos e louro-platinado, e a barba curta por fazer se destacava morena em seu rosto pálido. Mas seus olhos ainda eram

daquele azul intenso, o sorriso torto ainda era o mesmo e ele não havia perdido o porte atlético. Ele usava um moletom preto, calça jeans escuras, coturnos, e um cachecol azul-escuro ao redor do seu pescoço. Era toda uma combinação de roupas que ela sabia que Marco definitivamente não usaria em um dia comum. Ele era um *playboy*, estava sempre bem arrumado, de grifes da cabeça aos pés.

Vê-lo daquele jeito a fez ter a certeza de que ele realmente havia tomado uma medida desesperada.

— Oi, Cass — disse ele, dando aumentando seu sorriso. — Sabia que você viria.

Havia mil coisas que Cassie poderia dizer para ele naquele momento. Mil coisas definitivamente boas, que poderiam iludi-lo e fazê-lo realmente acreditar que ela queria estar lá, com ele. Mas a única coisa que ela disse, foi:

— Ainda não são onze e vinte.

Ela definitivamente não estava preparada para aquilo.

Em contrapartida, ignorando o aparente nervosismo dela, Marco deu uma risada grave e contagiante.

— Sabe como eu sou — disse. — Estava ansioso para te ver. Sempre chego cedo para surpreender, e não ser surpreendido.

— Sei.

— Mas foi o que aconteceu esta noite. — Ele se aproximou dela, dando dois passos lentos em sua direção. — Você me surpreendeu esta noite, Cass.

Discretamente, Cassie recuou, devagar, um passo.

— Por que te surpreendi? — questionou ela, tentando controlar o nervosismo.

— É que, por um momento, achei que não fosse te encontrar. Que você não iria querer me ver. Mas você está aqui. — O sorriso dele cresceu quando gesticulou para ela, indicando sua presença. — Eu estou surpreso... E contente. Acho que isso significa que passamos pela dificuldade que nos impedia de ficarmos juntos.

Cassie piscou.

— Que dificuldade? — questionou.

— Ora, a dificuldade de você entender que eu te amo. — Marco se aproximou dela, que estava tão chocada que mal conseguiu recuar novamente. — Acho que, finalmente, dessa vez você entendeu tudo o que eu fiz antes, o porquê.

— É. É, sim. Eu entendi. De verdade — concordou, mentindo rapidamente,

sentindo seu coração acelerar ainda mais no peito conforme o nervosismo aumentava. — Agora... Agora tudo faz sentido. É... É por isso que eu estou aqui.

Sendo pega de surpresa, Cassie sentiu a mão de Marco segurar seu braço debaixo do casaco, enquanto ele sorria ainda mais, aliviado.

— Que bom! Que bom que você entendeu! — Ele puxou-a para si, pronto para beijá-la, mas de último instante, Cassie virou o rosto e ele acabou apenas beijando sua têmpora. Rapidamente, ela tratou de se afastar e evitou olhar diretamente para o rosto dele. De momento, a expressão de alívio e felicidade de Marco suavizaram-se. — Cass... Escute, Cass, entendo que você esteja com vergonha, chateada consigo mesma...

— Comigo mesma? — Cassie questionou-se, dando um sorriso curto e nervoso.

— Sim, eu sei que está. Você me mandou para a prisão, e se sente culpada por isso. Eu sei, meu bem, *eu sei*. — Marco tentou aproximar-se dela novamente, mas ela se esquivou agilmente. — Mas não fique assim. Eu sei que você entendeu errado, e eu te perdoo. Eu te amo, Cass. Eu não sou um perseguidor maluco que você pensava que eu era, que alegou no tribunal. Eu apenas te amo, muito, e não sabia de que outra forma demonstrar esse amor. Fico feliz em saber que agora você entende...

Cassie apertou os lábios.

Ela não iria conseguir mentir por muito mais tempo. Na verdade, ela não estava mais conseguindo fazer isso.

— Não, Marco, eu não entendo. — Rosnou ela, interrompendo-o e se afastando ainda mais.

Ele parou de falar abruptamente com a interrupção, e ergueu as sobrancelhas.

— O quê? — Perguntou.

Cassie apontou para ele.

— Isso o que você *acha* que sente por mim, *não* é amor! Isso é obsessão, e não é nem de longe nada parecido com amor. É doentio! — Gritou ela. — Você invade a minha privacidade, você me atormenta, me persegue, *ameaça* as pessoas... Manipula tudo ao seu redor para fazer com que eu acredite que você *me ama*... Quando na verdade, você só tem uma obsessão doentia por mim que, juro, não sei de onde *raios* isso saiu!

— Cass, não! — Ele balançou a cabeça rapidamente e tentou se aproximar dela, que recuou no primeiro instante, na defensiva, deixando cair o casaco no chão. — Eu nunca... Eu jamais... Eu jamais quis magoar você! Eu te amo,

Cass. Você é uma pessoa linda, e eu quero ter você do meu lado... Mas você também nunca me deu uma chance de mostrar o quanto eu te amo e mereço estar ao seu lado!

— Eu te dei uma chance, mas você quis muito mais do que isso, Marco.

— É claro que eu quis mais do que isso! Veja a pessoa que você é, a pessoa incrível, linda, maravilhosa... Seria uma loucura não querer ter você! — Marco gritou. — Eu *amo* você! E você não está me deixando provar isso. O que existe de difícil para que você entenda, de uma vez por todas, que eu amo, idolatro, e que quero ter você comigo pelo resto da minha vida, Cass? Que *mal* há nisso?

— Todo o mal do mundo! — Cassie gritou de volta. — É em *todo* esse seu discurso que existe o erro, Marco! — Sentiu sua garganta falhar ao notar que estava à beira de lágrimas de nervosismo. — Eu não quero ser idolatrada, eu não quero *ser de* ninguém. Eu só quero ser amada. E uma coisa que você não aprendeu é que amor não é posse. Amor não é querer *ter* alguém, amor é querer *estar* na companhia dessa pessoa, de gostar dela e permitir que ela seja *livre* para seguir o caminho que quiser, mesmo que não seja ao seu lado, e ainda assim zelar por ela e aceitar que ela pode ser feliz sem você. *Isso* é amor.

— Isso não é amor! — Marco retrucou. — Isso tudo o que você está falando é apenas besteira, é coisa de gente que não sabe o que é amor, que não sabe o que é ser amado. *Desde quando* amor é abrir mão de quem você ama?!

— Desde quando não somos a primeira escolha de quem amamos! — Cassie replicou, irritada. — É quando amamos e não somos amados de volta, e mesmo assim, queremos que essa pessoa seja feliz *com quem quer que seja*. É quando não somos beijados em um armário em uma porcaria de brincadeira adolescente por quem a gente ama, é quando entendemos que não somos, nem nunca seremos, o amor de quem a gente ama. — Cassie ofegou. — Amar alguém não é só querer estar junto, mas também querer a felicidade e o bem de quem amamos, mesmo que não seja conosco.

Naquele instante, Cassie precisou fechar os olhos para, inutilmente, segurar as lágrimas que já escorriam pelo seu rosto. Apertou as mãos em punho, com força, sentindo as unhas machucarem as palmas ao serem enterradas contra as mesmas.

— Amor é estar sempre ao lado da pessoa, em qualquer momento da sua vida, em qualquer situação... Mas também libertar e deixar ir quando preciso. — Cassie ofegou, abrindo os olhos novamente, sentindo a visão ligeiramente embaçada e o nariz pouco trancado. — Amor não é prender, não é possuir. E você não sabe bosta nenhuma de amor, Marco. Você não entende e nem acho

que um dia vai ser capaz de entender!

Cassie passou rapidamente a mão pelo resto para limpar as lágrimas grossas, e observou o rosto de Marco. Ele estava ainda mais pálido e visivelmente incomodado, remexendo no cós da sua calça jeans, atitude que fez com que Cassie congelasse. *Ele tem uma arma*, ela pensou. Era óbvio, era dever dele de ter uma. Ele havia fugido da prisão, e certamente que seu amigo Jason não o havia deixado sem nada para se proteger.

— Então me ensine a amar, Cass. — Marco disse com a voz visivelmente controlada pela calma. — Escute, eu tenho duas passagens no meu carro para fora do país. Para a Irlanda. Você sempre quis visitar a Irlanda, não quis? Os pubs, os campos, as paisagens de postais... Podemos ir hoje. O voo sai agora de madrugada. Pegamos o carro e vamos direto para lá, só com nossas roupas do corpo. Meu colega já fez nossos documentos falsos para podermos viajar sem problemas, sem sermos perseguidos... Tenho dinheiro o suficiente para iniciarmos nossa vida na Irlanda, juntos... E tempo o suficiente para você me ensinar o que é amor... Estando comigo.

Ótimo, ela pensou. *Ele já tem para onde ir*. Ela estava farta daquilo tudo, e só queria ir embora e se esconder pelo resto da sua vida debaixo da cama. Saber que Marco tinha consciência de que estava sendo perseguido e já tinha como fugir do país, inclusive toda a documentação pronta, era algo no mínimo reconfortante para ela. Talvez, no primeiro sinal de perigo, ele fugiria sem ela. Ele iria embora, apenas para não ser pego. Aí, então, ele ficaria longe dela por um tempo, apenas para voltar depois.

Não havia nada de bom naquilo, ela considerou. Mas ainda teria tempo. Ainda poderia ficar livre dele. Reconstruir sua vida de outra forma, usar um pseudônimo para publicar seus livros e nunca mais ser encontrada por ele, tentar dar um jeito para isso.

Ela só precisava de tempo.

Inesperadamente, Cassie começou a dar uma risada debochada e nervosa, enquanto balançava a cabeça e afagava seus próprios braços, tentando manter o frio afastado.

— Você é insano — disse claramente inconformada. — Você é *insano*. Vá embora, Marco. Eu não vou a lugar nenhum com você. Me deixe em paz... Por favor.

E começou a dar as costas para ele.

E parou imediatamente quando ouviu um som de uma arma ser engatilhada.

— Cassandra. — Ele a chamou naquele tom de alerta e repreensão, que

costumava usar com ela quando ela falava alguma besteira perto dele, quando ainda tinham um relacionamento amigável. — Cassandra, eu não quero fazer isso. Mas eu tenho uma arma.

— É, eu ouvi — replicou ela, sarcasticamente.

— Eu tenho uma arma, e eu vou usá-la em você se você não der meia-volta e vir comigo, para vivermos juntos na Irlanda. — Marco aumentou seu tom de voz, ainda mais irritado do que antes. — Eu planejei tudo, Cass! Cada detalhe! Você não pode simplesmente dar as costas e jogar tudo para o ar sem me dar uma *chance*!

— A sua ficha comigo já acabou, Marco! — Cassie gritou, virando-se de volta para ele. — Não existem mais chances para você, nem nunca mais vão existir! Eu *não* vou com você para onde diabo...

— Cassie!

O coração dela parou por um instante ao reconhecer a voz, e sua mente entrou em uma confusão de pensar *graças a deus* ou *ah, merda*. Olhando para trás, viu que Scott se aproximava rapidamente, correndo.

— Vá embora! — Cassie gritou para ele, arregalando os olhos, desesperada ao perceber que Scott não estava acompanhado de nenhuma ajuda, com exceção de alguns rostos curiosos vindo de dentro da casa. *Ah, merda*, ela por fim pensou. Aquilo chamaria a atenção de Marco, certamente. Ele perceberia que todos estão olhando para ele, que ele tem uma arma, e qualquer autoridade que esteja na casa viria atrás dele no mesmo momento que notasse aquilo.

Mas ignorando a ordem de Cassie, Scott se colocou na frente dela, aumentando e atiçando a ira de Marco.

— Mas o que é isso? — Ele gritou, erguendo as mãos para o alto. — Que palhaçada é essa, Cassandra?! Quem é esse cara?!

— Alguém que vai acabar com a sua raça se você não deixá-la em paz *agora*.

— Scott respondeu por ela, furioso. — Você foi preso por uma razão, Marco, e você sabe muito bem porquê, não se faça de idiota. Deixe a Cassie em paz!

Marco deu um tiro no chão, fazendo com que o corpo de Cassie saltasse e sentisse um tremor por Scott, ao mesmo tempo em que as pessoas da casa da irmandade gritaram.

— Mas quem infernos você pensa que...? — Marco começou a questionar, com o rosto vermelho de raiva, e então, seus olhos raivosos foram tomados por um brilho de reconhecimento e compreensão, relaxando apenas por um instante. — Ah. Você é *ele*.

Cassie sentiu um arrepio gelado atravessar suas costas.

— Scott. Você é o Scott. — Marco continuou, apontando para Scott com a arma, e aproximando-se devagar dele, que rapidamente recuou empurrando Cassie para trás também de maneira protetora, erguendo os braços como uma barreira. — O carinha por quem Cassie era apaixonada quando mais nova, não é? — Cassie notou que ele trazia um sorriso quase psicótico nos lábios. — Mas você rejeitou ela porque você é um *viadinho*.

O corpo de Scott endureceu.

— E o que foi agora? Hein? O que você está fazendo aqui? *Virou homem*? — Marco debochou, gesticulando com a mão armada para ele.

— Estou aqui fazendo o papel do homem que você nunca vai ser — Scott retrucou. — O que nunca vai colocar uma mulher em perigo pela obsessão que tem por ela. O que sabe aceitar e entender quando é rejeitado, e não perturba ninguém por causa disso.

Marco apontou a arma para ele.

— Você pensa que é melhor do que eu? — Rosnou. — Você pensa que com toda essa pinta de boiola, você vai fazê-la feliz algum dia? Nem homem direito você é. E ela nem ama mais você. Ela me ama, porque sou um homem de verdade para ela, não você.

— Porra nenhuma! — Cassie interviu, passando por debaixo do braço erguido de Scott e colocando-se na frente dele. — Eu não te amo *porra nenhuma*, nem nunca te amei! Não houve nem tempo para que nada disso acontecesse, e eu jamais amarei outra pessoa como eu amo o Scott!

As palavras saíram tão rápida e raivosamente de sua boca que ela sequer conseguiu pensar em impedi-las. Sentiu seu corpo inteiro endurecer ao notar o que havia dito, e principalmente ao perceber que o rosto de Marco havia, novamente, ficado vermelho com a raiva evidente. A arma, naquele momento, apontava para ela, e não para Scott.

— Então você o ama. — Marco rosou.

Cassie ergueu o queixo.

— Sempre amei. — Respondeu.

Marco apertou os lábios, abaixou a mão e ficou assentindo com a cabeça e chutando o deck devagar, colocando as mãos na cintura de maneira pensativa, até erguer novamente o rosto para encarar Cassie e parar de se mexer, olhando fixamente para ela.

— Tudo bem — disse ele, visivelmente magoado. — Tudo bem, Cass. Tudo

bem.

Cassie permaneceu em silêncio, sentindo sua garganta doer, antecipando o choro que vinha novamente.

— Você o ama. Ele, que te rejeitou na primeira oportunidade, que nunca vai querer saber de você, porque o negócio dele é outro. Você o ama, mas não me ama, eu, que sempre estive aí para você, sempre te aceitei e sempre te quis do jeito que você é... — Marco balançou a cabeça negativamente. — Desperdício de amor, se quer saber.

Marco suspirou pesadamente, e continuou:

— E eu entendi tudo o que você quis dizer, na verdade. Sobre amor ser libertar e tudo mais. Eu entendi, de verdade, Cass. — Marco suspirou. — Porque eu vou te libertar. Vou deixar você ir.

Cassie franziu ligeiramente a sobrancelha. *Foi tão fácil assim?*, questionou-se. Não podia ser tão fácil, ela sabia. Marco era uma pessoa difícil, sempre fora. Apenas dizer que é apaixonado por outro não acabaria com tudo aquilo tão fácil.

— Vai mesmo? — Cassie criou coragem para questionar. — Vai me deixar em paz para sempre, e nunca mais me procurar?

— Mas é claro. — Marco respondeu com tanta naturalidade que atçou a desconfiança em Cassie. — Não tem como eu te procurar no inferno, Cassandra. — Ele ergueu a mão armada para ela. — Porque é exatamente onde você vai estar. Porque, se eu não posso ter você, apenas o diabo pode. E dele, ah, dele eu sou *bem* amigo.

E Marco atirou.

—

Capítulo 10

Essa é para todos os cornos e solteiros do dia dos namorados: estamos juntos! — Anônimo

— Como você está?

Cassie apenas direcionou os olhos cansados para Kylee, que estava sentada ao seu lado na sala de espera, com os braços cruzados, a maquiagem borrada e o cabelo preso desajeitadamente para o lado.

Kylee revirou os olhos verdes, passou os dedos pelas têmporas e resmungou.

— Pergunta errada de merda — disse. — Como o seu *braço* está?

— Doendo. — Cassie respondeu sincera e sem emoção, e desviou os olhos para o braço enfaixado que latejava de dor quase que constantemente.

Cassie estava no hospital fazia algumas horas, e inclusive já havia sido liberada dos médicos, das enfermeiras e dos policiais. Mas ela não queria ir embora sem, no mínimo, ver Scott antes.

Cassie ainda estava tentando entender as lembranças da última noite. Quando Marco puxou o gatilho, tudo aconteceu tão rapidamente como um borrão. Ela viu alguém se colocar na sua frente quando a arma foi disparada, sentiu a bala atingir seu braço esquerdo, ouviu os gritos, e em seguida mais tiros e gritos de ordem. Ela se lembrava vagamente de ver Marco se ajoelhando no chão, com as mãos na cabeça, quando os policiais renderam ele — e depois, mais nada.

Mais tarde, no hospital, Cassie descobriu que na verdade Marco havia tentado fugir logo depois de ter se ajoelhado. Um dos policiais precisou atirar nele para que ele parasse; um tiro que o fez entrar em coma.

Cassie não fazia o tipo de pessoa que acreditava em pena de morte. Ela não achava que ninguém tinha o direito de julgar alguém, se alguém merecia viver ou morrer. Mas, diante da possibilidade de Marco morrer, ela nunca se sentiu tão aliviada.

Ela odiava esse pensamento, a torcida silenciosa que sua mente fazia, pedindo que ele morresse, pedindo para ele parar de respirar, pedindo para que os aparelhos fossem desligados; entretanto, ela não conseguia negar a sensação de que essa possibilidade lhe trazia algum tipo de conforto e até mesmo

segurança. Afinal, ela seria deixada em paz. Marco nunca mais poderia voltar para atormentá-la.

Quando descobriu, por fim, que uma das pessoas que Marco baleou foi Scott, porque ele se colocou na frente dela para protegê-la, mais do que nunca ela desejou que Marco não sobrevivesse.

Scott havia entrado em cirurgia para extrair a bala e controlar o sangramento já fazia algumas horas. A enfermeira que cuidou de Cassie se comprometeu a dar notícias, mas desde então não tinha aparecido mais. Cassie não queria acreditar que algo de ruim tinha acontecido com Scott além de ele ser baleado. Mesmo medicada, ela ainda estava à beira de um ataque de nervos, e somente Kylee no seu lado era capaz de relaxá-la.

Na televisão da sala de espera, onde ela e Kylee estavam, passava uma reprise de *Friends*, quando a enfermeira por fim apareceu e disse que Scott estava bem, já tinha acordado e estava pronto para receber visitas.

Cassie sentiu uma onda de alívio, e Kylee rapidamente se levantou, estendendo a mão para ela, mas Cassie não moveu um dedo.

— O que foi? — Kylee questionou, erguendo uma sobrancelha. — Vamos lá, vamos vê-lo. Ele está pronto.

— Não posso, Ky. — Cassie respondeu com a voz rouca.

— Claro que pode, Cass. Vamos lá!

— Eu *não* posso, Ky. — Cassie disse, entredentes. — A família dele toda está lá. Com que cara você espera que eu vá pra lá? Isso tudo é culpa minha. Ele levou um tiro por minha culpa, ele quase morreu por minha culpa, ele...

— Ei, pode ir parando por aí. — Kylee disse, levantando um dedo para Cassie. — Não me venha com essa. Você não tem culpa nenhuma do Marco ser um maluco. Você não jogou Scott na sua frente, ele fez isso sozinho. Você não puxou o gatilho, foi Marco quem puxou. Scott é grande o suficiente para saber o que estava fazendo e no que estava se metendo. Pare de se culpar pela cagada dos outros, Cass.

— Ele quase *morreu*, Kylee. Eu não consigo ter essa cara de pau de encarar a família dele depois disso. — Cassie continuou, resignada. — Eles vão querer me *matar*.

— Ah, Cass, qual é. — Kylee revirou os olhos e colocou as mãos na cintura. — Até parece que você não conhece a mãe do Scott. Eles estão *bem*.

Cassie bufou.

— Como você *sabe*? Você falou com eles?

— Eu falei com eles logo que Scott entrou em cirurgia. — Kylee respondeu. — Você ainda estava em atendimento. Conteí tudo o que aconteceu. Eles *sabem* que a culpa não é sua, e sim do maníaco do Marco. Eles ficaram bem felizes em saber que você estava bem também e que o Marco foi pego.

Cassie suspirou. Apesar de todas as tentativas de Kylee de tranquilizá-la, ela ainda não conseguia se livrar do sentimento de culpa. Ela queria muito ver Scott, mas tinha medo da reação da família dele, do que pensariam dela. Tinha medo do que pensariam dela, quando ela chegasse lá, de cara lavada, para ver como Scott estava depois de levar um tiro por causa dela.

Porém, mais do que o medo da família, Cassie também temia pela reação de Scott. Só então ela havia reconhecido como tinha sido estúpida. Na tentativa de deixá-lo longe, de protegê-lo, ela não compartilhou seu plano, e ele quase acabou perdendo a vida por isso.

Cassie havia passado todo aquele tempo no hospital pensando no quão idiota ela havia sido por todos aqueles anos em que passou ignorando e odiando Scott de graça apenas porque ele lhe deu um fora quando eram mais novos. Jogou anos de amizade no lixo, deixou-o de lado, apenas porque ele não a beijou. Culpou-o por não conseguir amá-la do jeito que ela o amava. Ela havia agido que nem Marco, exceto pela parte em que ela não havia perseguido Scott. Ela havia fugido dele por todo esse tempo. Fez questão de sumir da vida dele.

Mas Scott foi atrás dela diversas vezes. Tentou manter a amizade, recuperar o que eles um dia tiveram, tentou se reaproximar. Porém, Cassie seguiu afastando ele apenas porque ele não quis beijá-la naquela noite, quando brincaram de sete minutos no paraíso e os dois foram para o armário juntos. E mesmo após todo aquele tempo, Cassie ainda o amava. Mesmo querendo se entregar para Marco quando o conheceu, ela ainda amava Scott, ainda segurava seu próprio coração partido, e esperava que Marco a ajudasse a esquecê-lo.

— Cassie, vamos lá. — Kylee insistiu, mas com a voz calma e estendendo a mão para ela. — Ele também deve estar esperando a gente, sabe? Vamos lá.

Resignada, Cassie assentiu devagar com a cabeça e se levantou da cadeira, segurando a mão de Kylee e a acompanhou.

Kylee pareceu perceber que Cassie ainda estava nervosa, então seguiu até o quarto dele a passos lentos. Em silêncio, Cassie vinha tentando pensar no que diria, mas não conseguia formar uma única frase sequer. Internamente, ela riu com a situação. Pela primeira vez, Cassandra Laphdary, escritora, não tinha palavras.

As duas pararam em frente da porta do quarto onde Scott estava. Cassie pensou que Kylee fosse abrir e já entrar, mas esta, por sua vez, apenas deu um passo para trás.

— Melhor você falar com ele primeiro — Kylee sugeriu com a voz baixa, colocando as mãos para trás e se encostando na parede do outro lado do corredor.

Cassie quis protestar, e falar que as duas deveriam entrar juntas, mas não disse nada. Notando pelo silêncio que vinha do quarto dele, ela imaginou que ele estivesse sozinho, e ela no fundo preferia assim. Queria vê-lo, falar com ele, e se ele estivesse sozinho, seria melhor.

Hesitante, ela abriu a porta do quarto e entrou.

Scott estava deitado na cama, com as mãos cruzadas sobre o corpo, coberto por um edredom branco de hospital. Os seus cabelos estavam, milagrosamente, sem a touca surrada que ele costumava usar, e bagunçados, como se ele tivesse acabado de levantar. E ele estava acordado.

— Cass. — Scott cantarolou o nome dela e abriu um sorriso largo, atitude que fez com que o peso no coração de Cassie diminuísse e seu nervosismo passasse. *Ele não parece chateado*, ela constatou, tomada pelo alívio.

— Ei. — Ela disse após fechar a porta atrás de si. — Como você está?

Ele sorriu e suspirou.

— Respirando. É o que importa. — Ele disse. E então, desviou os olhos para o braço dela e franziu o cenho devagar. — E você? Vejo que está com uma coisinha nova no braço...

Ligeiramente envergonhada, Cassie evitou desviar os olhos para o braço enfaixado e apenas encolheu os ombros.

— Não foi nada. Apenas de raspão. — Respondeu.

Scott apertou os lábios e desviou o olhar.

— Os policiais vieram falar comigo depois que acordei — começou a dizer, sem olhar para Cassie. — Falaram que Marco foi rendido a tiros, e que agora está em coma. E assim que ele acordar, e se acordar, vai para uma prisão de segurança máxima. E provavelmente vai ter a pena aumentada.

— Nada mais justo. — Cassie comentou, e suspirou. — Estava tudo interligado. Marco e os outros, Scott. Jason estava encarregado de me mandar as mensagens, Jared de contar todos os meus passos, e Mag... Ela estava encarregada de me pentelhar. Jason contou tudo pra polícia.

Scott deu um sorriso de lado para ela.

— Então, no final das contas, era tudo plano dele mesmo. — Scott disse.

— Sim. E eu caí que nem um patinho. — Cassie encolheu os ombros. — É duro a gente esperar que seja diferente e no fim das contas, ser tudo a mesma merda.

Scott franziu as sobrancelhas.

— Você realmente esperava que fosse alguém em especial, não é? — Ele sugeriu.

Cassie abafou uma risada curta, e olhou para baixo, fugindo do olhar curioso e cansado de Scott.

— É a primeira vez que eu recebo um *spotted*, Scott. — Cassie disse. — Eu estava esperançosa. Mas não foi nem um pouco do jeito que eu imaginava. Eu me peguei o tempo todo desejando que fosse diferente.

— Diferente como? — Scott comentou, e deu uma risada rouca. — Menos maluco?

— Bom, você não faria nada maluco assim, não é? — Cassie sugeriu.

Scott a encarou e um silêncio desconfortável caiu entre os dois. Cassie pode sentir os olhos de Scott sobre si, mas fez toda a força que pode para não olhar para ele, focando em uma dobra do lençol na beirada da cama, como se aquilo fosse o centro da sua atenção por todo aquele tempo.

— Eu jamais faria uma coisa dessas sabendo do seu histórico, Cass. — Scott disse, com a voz baixa.

— Eu sei. Mas... Acho que eu ainda tinha alguma esperança, sabe? Eu acho que eu pensava que, mesmo que você fosse gay, talvez...

— Cass — Scott aumentou o tom da voz, interrompendo-a repentinamente. —, eu não sou gay. Estou falando sério. Eu não sou.

— Eu sei. — Cassie retrucou e ergueu os olhos para encará-lo.

— Então por que raios você ficou esse tempo todo afirmando que eu era gay? — Ele questionou, confuso.

Cassie encolheu os ombros novamente, sentindo-se envergonhada. Na verdade, ela sempre soube que Scott não era gay. Após a rejeição, ela quis colocar isso na própria cabeça, usando como justificativa para que ele não quisesse ficar com ela, pra ela mesma tentar aceitar o fora, superar. Mas foi uma atitude imensamente infantil, ela reconheceu depois. Ela não tinha que supor nada, criar nada do nada. Scott não era gay, e talvez nunca seria. Ela que precisava deixar de ser estúpida. Ele só tinha o direito de não querer ficar com ela e isso jamais faria dele um homem gay.

— Porque era mais fácil. — Ela respondeu.

— Mais fácil? — Scott repetiu.

— Para superar o fato de que você não me beijou na noite do armário. Depois de tudo o que eu disse pra você, e você nem... — Cassie deu de ombros e respirou fundo. — Eu sei que foi completamente idiota da minha parte. Me desculpe, Scott.

Cassie viu Scott respirar fundo e fechar os olhos, como se tentasse recuperar sua paciência após conversar com uma criança teimosa. Após alguns instantes, ele estalou com a língua nos dentes, aparentando irritação, e voltou a abrir os olhos encarando Cassie diretamente.

— Cassandra, você quer saber porque eu não te beijei naquela noite? — Ele perguntou, com a voz calma e grave.

Cassie ergueu as sobrancelhas, mas não respondeu. Scott entendeu isso como uma afirmação, e continuou:

— Eu não te beijei naquela noite porque eu estava com aftas.

A boca de Cassie se abriu devagar e ela piscou inúmeras vezes.

— Você o quê? — Questionou.

— Eu estava com aftas. — Reafirmou ele.

— Aftas?

— Aftas. — Scott assentiu com a cabeça.

Cassie apertou os lábios enquanto tentava engolir a resposta de Scott.

— Então, quer dizer que você não me beijou naquela noite, e me fez pensar coisas terríveis sobre não ser a garota certa pra você, a pensar que você era gay e a me afastar de você... Por causa de umas *porcariazinhas* de umas aftas? — Cassie piscou várias vezes novamente. — Você só pode estar de gozação com a minha cara, Scott.

— Não estou. Foi pura e simplesmente por causa das aftas. — Scott continuou.

— Aftas nem são contagiosas!

Scott revirou os olhos.

— Eu não sabia disso, tá bem? Eu era um adolescente burro que nem uma porta.

— Era mesmo! — Cassie retrucou.

Scott bufou e respirou fundo novamente.

— Eu estava com aftas. Eu estava morrendo de vontade de te beijar, esperando por esse momento há *meses*, mas eu também sabia que você ia nesse super jantar com a sua família naquele restaurante caro, que você também estava esperando há *meses*. Imagine o quanto você me odiaria se eu beijasse você, ciente de que eu estava com *aftas pela boca inteira*, e no dia seguinte você amanhecesse com essas porcarias de aftas e não conseguisse aproveitar o jantar?

Cassie encarou Scott, transtornada, sem acreditar exatamente no que estava ouvindo. Ela realmente havia esperado *meses* pelo jantar no Spettzi's, mais especificamente desde o seu último aniversário. E ela com certeza, naquela época, ela preferia a morte do que ter o desgosto de finalmente ir ao Spettzi's e não aproveitar a comida porque estava com aftas na boca.

Mas se ela tivesse beijado Scott, o jantar não importaria. Porque ela teria Scott. Ela criaria uma colônia de aftas se fosse preciso para ficar com Scott. Ela não se importava. Ele era o amor da sua vida e tudo o que ela queria era estar com ele.

— Tudo isso por causa de aftas? — Cassie disse, em uma pergunta retórica e passou a mão pelo rosto, nervosa.

Scott suspirou.

— Eram aftas bem complicadas. Garanto que você não ia querer passar por elas. Eu mesmo estava fazendo baliza com a minha língua dentro da boca para conseguir falar direito — ele disse.

Cassie resmungou palavras inaudíveis enquanto esfregava a mão no rosto.

— Eu não consigo acreditar.

— Cass, eu tentei falar com você. Quando melhora, inclusive, milagrosamente no dia seguinte. — Scott lembrou, com calma. — Mas você estava interessada demais em achar que eu era gay, em vez de só tentar me ouvir e me deixar esclarecer. Minha nossa, Cassie, eu queria muito te beijar, eu estava esperando há tanto tempo por isso. Eu não conseguia acreditar que fui capaz de acabar com tudo...

Scott continuou falando, se defendendo, mas Cassie não conseguia ouvir. Ele ainda estava tentando se explicar quando Cassie simplesmente deu as costas e saiu do quarto, ignorando os chamados de Scott e de Kylee atrás de si.

Ela não conseguia acreditar, porque para ela aquilo tudo só poderia ser uma piada. Talvez Scott estivesse falando aquilo para não dizer que a achava feia demais na época para ter coragem de ficar com ela e botou a culpa nas aftas.

Talvez ele simplesmente não quisesse mesmo, e só queria humilhá-la um pouquinho mais. Mas ela não conseguia parar de pensar que tudo o que havia acontecido desde então era por causa de... *Aftas*.

Ela parou de falar com Scott por causa de aftas. Afastou Scott da sua vida por causa de aftas. E depois disso, conheceu Marco, foi perseguida por ele e todo o pacote completo até então... Por causa de aftas.

Cassie sabia que muita coisa provavelmente teria sido diferente se Scott tivesse beijado ela naquela noite. Marco não existiria na sua vida. A relação dela e de Scott seria muito mais intensa. Ela não passaria meses da sua vida se isolando, fugindo das possibilidades de encontrar Scott em qualquer lugar. Não ia se sentir horrível, rejeitada, e aceitar qualquer migalha que lhe dessem de atenção, carinho e amor. Não seria neurótica com perseguição e homens malucos como era naquele momento.

Mas Scott não a beijou por causa de *aftas*, e nada disso aconteceu.

Cassie quase havia perdido o garoto que ela amava por causa de aftas.

Seria cômico se não fosse trágico, ela pensou.

—

Capítulo 11

E. Parkley: estou esperando você voltar para terminar aquele servicinho com a língua que você estava fazendo em mim. Obrigada. — Anônima

Algumas semanas depois, Cassie finalmente podia andar pelo campus sem ter ninguém em cima dela, como se ela fosse um bebê que precisava de supervisão enquanto caminhava sozinho pela primeira vez; sem mais pessoas perguntando como ela se sentia, o que aconteceu, o que ela ia fazer. Vinha sendo difícil para ela lidar e tentar superar tudo o que havia acontecido com tanta gente querendo relembrar todos os acontecimentos e reforçarem como tudo foi tão horrível. Cassie também recebeu diversos convites para participar de grupos de apoio de vítimas de *stalking*, e para falar em programas de TV — até mesmo a própria Lena Parker a chamou para conversar na rádio da universidade.

Só que Cassie não queria falar sobre aquilo. Ela sabia que era importante, que mais pessoas deveriam aprender a não naturalizar ações de *stalking*, a não romantizar o amigo maluco que fica perseguindo aquela garota por quem ele está apaixonado. Mas Cassie ainda não estava pronta; ela ainda estava se curando. Marco atentou contra a sua vida e contra a vida de Scott, e tudo o que Cassie queria, por hora, era superar isso e se curar. Afinal, Marco ainda mantinha residência fixa em seus pesadelos. De nada ia adiantar ela reviver todos aqueles momentos apenas para surtar na sua cama mais tarde, sozinha, em meio a uma noite ruim, e voltar para a estaca zero.

A única coisa que a confortava no meio de tudo aquilo, era saber que Marco ainda estava em coma. Ele ainda conseguia alcançá-la nos seus sonhos, mas ao abrir os olhos, ele permanecia longe, preso a uma cama. E mesmo que acordasse, ele jamais poderia chegar perto de Cassie novamente.

Ela também não via Scott desde o dia em que conversou com ele no hospital. Talvez por insegurança, falta de tempo ou irritação; ela não conseguia encontrar o real motivo, e parte dela se negava a querer encontrá-lo. Refazia suas rotas, sabendo que poderia encontrá-lo a qualquer momento no campus. Trocou o número do celular, no qual não havia nem passado para Kylee. Mudou seus horários das aulas, alterou sua rotina toda. Tudo isso por causa das borboletas nervosas que viviam em seu estômago e se agitavam sempre que pensava em Scott.

Não importava se Scott havia manifestado que queria beijá-la naquela noite do armário e as supostas aftas impediram. Não importava se Scott ainda *parecia* querer beijá-la naquele dia. Ela ainda não queria encontrá-lo. Não queria passar na frente dele. Não queria ficar perto dele. Não sabia porquê, simplesmente não queria.

Naquele fim de tarde, Cassie fez questão de passar no bar depois das aulas, querendo tomar uma cerveja gelada para acalmar os nervos antes de ir para casa. Ela havia passado por uma longa semana de provas, com várias noites até de madrugada estudando, tomando energético e comendo barrinhas de cereal. Por conta da sua ausência nos dias seguintes após a situação com Marco, Cassie havia perdido algumas aulas, e precisou colocar algumas matérias em dia para não bombar nas provas. Com sorte, ela havia se saído bem com pelo menos um B+, o que já era o suficiente para ela se achar digna de uma cerveja.

Só que uma cerveja virou duas, e duas viraram três, e quando deu por si, Cassie já estava sorrindo sozinha enquanto conversava com o barman sobre Candy Crush. Quando percebeu que estava começando a ficar tonta, um sinal perigoso de que ela estava ficando bêbada, ela pediu uma garrafa de água, um Reese's e a conta.

Ela já estava se sentindo um pouco melhor, vinte minutos depois, quando chegou na irmandade. Mas, antes de ir para o quarto, ela resolveu que seria melhor pegar uma garrafa de água na cozinha, para continuar se hidratando até a hora de dormir.

Porém, a vida de Cassie não seria a vida de Cassie se não ocorresse um evento inesperado na cozinha.

Cassie só o viu quando fechou a porta da geladeira, com a sua garrafa de água na mão. Scott estava apoiado no balcão da ilha da cozinha, segurando uma garrafa vazia de Coca-Cola em uma das mãos, olhando para ela com o cenho ligeiramente franzido. Ainda usava aquela touca que o deixava cada vez mais fofo, e os óculos quadrados que escorregavam pela ponte do nariz toda vez que ele mexia com a cabeça. Nos lábios, ele trazia um sorriso tímido, hesitante, quase tenso.

Cassie engoliu a seco e resolveu que iria apenas sorrir, dar boa noite e ir para o quarto. A julgar pela garrafa vazia nas mãos dele, ele provavelmente já estava de saída — e o que ele estava fazendo lá ela não tinha a menor ideia, mas também não era da sua conta e não fazia questão de saber. Ela só queria deitar na própria cama.

Mas antes que pudesse colocar seu plano ligeiramente arquitetado em prática, Scott a chamou.

— Cass. Oi. — A voz dele era calma e grave, como sempre, mas ainda causava uma estranheza em Cassie; fazia aquele famoso arrepio percorrer sua espinha e estremecer no seu coração. — Eu estava aqui conversando com a Kylee. Ela saiu agora pouco. Foi encontrar uma garota que está saindo. Acho que você deve saber. — Justificou-se.

Cassie sabia. Kylee havia conhecido essa tal garota na semana passada, e estava tão apaixonada como uma adolescente vivendo o primeiro amor. Apenas mais um dia na vida de Kylee. Nada de novo sob o sol.

— Tudo bem? — Scott continuou, com o sorriso vacilando um pouco. Cassie não conseguiu deixar de notar que ele parecia um adolescente inseguro e o pensamento fez com que o estômago dela se apertasse.

Ela respirou fundo, apertou rapidamente os olhos e deu um sorriso curto.

— Tudo. Eu só... Vim pegar água. E vou para o quarto. Eu estava no bar. — Disse, enquanto gesticulava mais do que o necessário, sinal de que estava tremendamente nervosa. Estava começando a ficar irritada consigo mesma; já havia passado da fase em que ela ficava nervosa na presença de Scott. *O que está acontecendo comigo?*, se perguntou.

— Ah, sim. Tudo bem. — Scott disse, hesitante. — Ok.

— Ok.

Os dois se olharam por mais um instante, até que Cassie apertou os lábios e começou a andar para fora da cozinha.

— Cass. — Scott a chamou de volta, sem jeito. — Espere.

Ela se virou para ele e ergueu as sobrancelhas.

— Eu gostaria de saber se você tem um minuto para conversar. — Ele disse.
— Se não quiser, tudo bem. Eu vou embora. Só me falar.

Cassie piscou algumas vezes, sentindo o estômago se embrulhar. Tudo o que ela queria naquele momento era ir para o seu quarto, a sua cama, descansar. Mas, também, ela *queria* falar com Scott. Queria saber porque ele estava ali. Mesmo que isso a deixasse ansiosa.

— Um minuto — ela disse, tentando parecer indiferente.

— Tudo bem. — Scott assentiu com a cabeça, e colocou a garrafa de Coca deitada sobre a bancada, na frente dele. — Você pode ficar aí nessa outra ponta da bancada, por favor? Quero testar uma coisa, antes de tudo.

Franzindo as sobrancelhas, Cassie seguiu até o lado oposto de Scott na bancada, deixando a garrafa de água que segurava sobre ela e cruzando os braços. Seus olhos baixaram do rosto de Scott para a garrafa vazia de Coca, e

ela levou apenas um segundo para entender o que aquilo significava.

Antes que se manifestasse, Scott girou a garrafa.

A garrafa deslizou sobre a bancada, girando, vacilando para os lados pela leveza. Poucos instantes depois ela parou, com o dedo de Scott pousando sobre ela. A ponta da garrafa mirava Cassie, enquanto a traseira mirava Scott.

Os lábios de Cassie se entreabiram e seus olhos fitaram os olhos escuros de Scott.

— Cass — disse ele, com um curto sorriso. —, verdade ou consequência?

Ela engoliu em seco e piscou algumas vezes, com força. A brincadeira não era a mesma, mas, ainda assim, ela se sentiu transportada para anos atrás, na noite em que o não-beijo aconteceu. Na noite em que ela levou um fora de Scott e que tudo mudou para ela.

Entretanto, o que a mais preocupava naquele momento é que ela não sabia se a sensação nostálgica que se acumulava no seu peito era boa ou ruim.

Suspirou profundamente, e apertou os braços contra o peito.

— Verdade. — Disse, confiante. Estava se negando a falar consequência em qualquer momento, mas tinha quase certeza de que Scott não iria parar tão cedo.

— É verdade que você está me ignorando propositalmente desde a nossa última conversa no hospital? — Perguntou ele, direto. Sua voz era tão calma e suave que ele sequer parecia chateado, e isso causou um ligeiro estranhamento em Cassie. Ela estava acostumada com um Scott que tirava satisfação, que batia pé, que revirava os olhos e debochava. Ela estava acostumada com Scott, o seu melhor amigo.

— É verdade — respondeu com sinceridade, piscando os olhos ao fim como se tentasse ressaltar ainda mais a veracidade da resposta.

Scott apenas assentiu com a cabeça e girou a garrafa novamente. Instantes depois, ela parou na mesma posição.

— Verdade ou consequência? — Scott questionou.

— Verdade.

— É verdade que você brigou com Kylee?

Cassie revirou os olhos e suspirou. *Fofoqueira*.

Ela havia brigado com Kylee dias atrás, sobre Kylee encher o saco dela para encontrar Scott e se acertarem de uma vez por todas, mas Cassie continuava se negando a isso, ainda inconformada com a história das aftas. Ela não

conseguia acreditar que tudo aquilo havia acontecido por causa de meras aftas. Era azar demais para uma pessoa só.

— Sim — resmungou. —, mas já pedi desculpas e já está tudo bem entre a gente.

Scott sorriu de lado, e em silêncio, girou a garrafa novamente. Daquela vez, ela parou ao contrário, dando a Cassie a permissão para perguntar.

— Verdade ou consequência? — Questionou ela, erguendo um pouco o queixo e evitando fitar diretamente os olhos de Scott, que soltaram um lampejo brilhante em sua direção. Ela sentiu um gosto amargo correr pela sua boca, dando-se conta de que ele estava pronto para responder *consequência* e ela precisaria pensar em algo. Talvez mandá-lo embora fosse uma boa ideia, ela ponderou. Era uma consequência — para ele.

— Verdade. — Ele respondeu, a surpreendendo.

Ela ergueu as sobrancelhas devagar, balançou a cabeça e apoiou as mãos sobre a bancada.

— O que você está fazendo? — Perguntou. — Sério, Scott, o que *diabos* que você quer com isso, essa cena toda que está fazendo aqui?

— Eu quero tentar fazer a coisa certa dessa vez. — Foi tudo o que ele respondeu. Então, girou a garrafa novamente, e enquanto ela rodopiava sobre a bancada, ele ergueu os olhos castanhos para Cassie e sorriu de lado. — Espero que você diga *consequência* na próxima. É importante, sabe.

Cassie apertou os lábios ao sentir seu corpo reagir diante do sorriso de Scott. *Pare com isso*, disse a si mesma. Ela ainda estava chateada com ele. Na verdade, ela ainda estava chateada com tudo. A última coisa na qual ela gostaria de pensar naquele momento era em beijar os lábios sorridentes e aparentemente macios de Scott Olberg.

Bufou. Definitivamente estava se sentindo de volta no tempo, quando beijar Scott era a meta do ano em vez de emagrecer, se controlar nas porcarias e parar de fazer maratona de séries nas férias e ter uma vida social de verdade.

Então, a garrafa parou, novamente na posição inicial, deixando Scott no poder.

— Verdade ou consequência? — Ele perguntou.

E antes que ela pudesse pensar na resposta, seus lábios fizeram o trabalho por ela, respondendo:

— Consequência.

Os olhos de Scott brilharam.

— Sete minutos no paraíso — disse ele.

Cassie piscou, confusa.

— O quê? — perguntou, cruzando os braços novamente. — Não estávamos brincando de verdade ou consequência?

— A consequência é — Scott começou a falar pausadamente. — você ficar sete minutos no paraíso *comigo*.

Cassie deu uma risada nervosa, e então ela percebeu tudo.

Scott estava recriando a noite do não-beijo.

Ele ainda usava aquela mesma touca ridícula. Ele ainda girava a garrafa de Coca vazia, de plástico, sobre a bancada da cozinha, como havia sido feito anos atrás, em outra cozinha, de outra casa, com outros amigos. Ela estava exatamente de frente para ele, como estivera naquela vez.

Eles brincaram primeiro de verdade ou consequência, onde a maioria soltava indiretas sobre querer assumir a paixonite que tinha por um colega. Cassie era uma dessas garotas. Cassie estava louca para pedir um *consequência* com Kylee, que certamente ia mandá-la beijar Scott. Ela sabia que não conseguiria sozinha. Mas a brincadeira acabou, e ela não beijou ninguém, e nem metade dos outros colegas também. Então, para dar mais uma chance, resolveram brincar de sete minutos no paraíso, onde *muitos* colegas se beijaram — menos Cassie, também.

Aquela noite havia sido terrível para ela. Ela havia ficado presa em um armário com Scott por quatro minutos e meio — nem haviam sido sete, pois a vergonha que sentia era tanta que ela sequer conseguiria permanecer mais tempo com ele lá —, todos ficaram olhando e se perguntando o que havia acontecido para que ela saísse esbarrando com a porta como fez naquela noite. Ela pisava forte, e fez questão de pegar cerveja do irmão do dono da casa, como uma criança birrenta e que queria se vingar do irmão malvado comendo o último pedaço do bolo. Não muito tempo depois, ela foi embora, com os olhos úmidos de tanto que ameaçavam chorar de raiva, de vergonha, de amor.

Ela era apaixonada por Scott. Ela sempre foi apaixonada por ele, desde o primeiro momento, desde o primeiro dia. E ele a havia rejeitado. E a dor havia sido grande demais para que ela conseguisse simplesmente deixar para lá e aceitar, como qualquer outra pessoa consideravelmente normal faria.

Então ela piscou, e sentiu uma ficha imaginária cair sobre a sua cabeça.

Eu quero tentar fazer a coisa certa dessa vez.

Scott se referia àquela noite.

Ele estava recriando aquela noite para isso: para não deixá-la ser uma das piores noites da vida de Cassie.

Ela quis sair de lá pisoteando tudo, porque, obviamente nunca ia funcionar. Não era a mesma casa. Estavam só os dois na cozinha. A brincadeira sequer estava na mesma forma como havia acontecido, e ela duvidava muito que o armário da bagunça, que seria o ideal para ser usado em uma brincadeira de sete minutos no paraíso, estivesse de fato arrumado — até porque, se ele tivesse o costume de estar arrumado, ele não seria chamado de armário da bagunça.

Para Cassie, não tinha como “fazer a coisa certa”, ou tentar ser perfeito ou recriar aquela noite. Simplesmente não dava. Não ia apagar tudo o que havia acontecido até então.

— Não tem armário — disse ela, na defensiva, evitando os olhos dele.

— Tem o armário da bagunça. — Scott justificou.

— Ele é chamado dessa maneira por um motivo, Scott.

— Mas eu arrumei tudo. — Ele piscou para ela.

Cassie piscou algumas vezes, ficando sem palavras por um instante.

— Eu duvido — rebateu, com um sorriso debochado brincando no canto de seus lábios.

E então Scott sorriu. Deu aquele sorriso aberto, que iluminava o mundo inteiro, que transformava estômagos em dançarinos, que fazia com que velhinhas terminassem o dia mais animadas. O mesmo sorriso pelo qual Cassie havia se apaixonado, anos atrás, quando se conheceram. O mesmo sorriso pelo qual ela sempre lutou para ver — embora ela nunca tivesse realmente precisado lutar por ele. Scott sempre sorriu de graça para ela daquela forma. Parecia que a incentivava a se apaixonar por ele mais e mais e mais e mais.

Jogo baixo, ela pensou. Havia sido uma grande baixaria Scott usar o seu sorriso maravilhoso com ela, em um momento daqueles, onde ela estava, no mínimo, emocionalmente vulnerável por todas as lembranças de alguns anos atrás.

Mas, mesmo pensando que ele havia sido sacana, mesmo tentando ignorá-lo, Cassie não ignorou a mão dele quando pegou na dela e a guiou até o armário da bagunça, que ficava debaixo da escada, como o quarto de Harry Potter.

Scott abriu a porta e Cassie ficou surpresa por não ver nenhuma tralha cair de lá: caixas de sapatos, casacos, bolas, tralhas e mais tralhas, estava tudo em seu

devido lugar. Normalmente, abrir o armário da bagunça era como uma caixa de surpresa, porque nunca dava para saber o que iria sair de lá e cair na própria cara quando se abria a porta.

Porém, daquela vez, Scott apenas abriu a porta e nada caiu. Pelo contrário, a única coisa que saía do armário era luz.

Luz!, ela pensou, surpresa. A última vez que ela viu luz lá foi quando o armário nem estava tão bagunçado. E ela se lembrava vagamente de uma das meninas comentar que a lâmpada quebrou porque alguém havia jogado um taco de baseball lá.

— O que aconteceu aqui? — questionou ela, inclinando-se para olhar o armário. Ele estava iluminado com uma lâmpada amarela, todo arrumado e até cheirando bem, outra coisa com a qual ela ainda não estava acostumada.

— Eu falei pra você que eu arrumei tudo. — Scott retrucou, divertido.

Cassie olhou para ele, surpresa.

— Por que você...?

— Sem perguntas, Cass. — Scott a interrompeu, levando a mão livre até a cintura dela, fazendo com que ela sentisse sua espinha inteira congelar. — Sete minutos. Nós temos apenas sete minutos para consertar os erros de alguns anos, então, vamos entrando.

Cassie entrou, e encostou-se às prateleiras do lado direito, enquanto Scott entrava e fechava a porta do armário, ficando de frente para Cassie. Ela piscou enquanto olhava para ele, e só então percebeu que suas mãos tremiam, que seu estômago se sacudia dentro dela e que ela estava nervosa... Como na mesma noite.

Ela respirou fundo, sentindo seu peito pesado, e passou as mãos pelos próprios braços para afastar o frio imaginário.

— Scott... — Chamou-o, com a voz baixa, e os olhos castanhos de Scott voltaram-se para ela, a mão soltando a maçaneta e entrando no bolso da calça dele. — O que você está tentando fazer? — Ela viu Scott abrir a boca para falar algo, mas ela rapidamente balançou a cabeça negativamente e continuou a falar: — Olha, não precisa fazer isso. Não mesmo. Aquilo aconteceu, já passou, eu superei. Está tudo bem. Não precisa fazer isso por pena, culpa, ou...

— Puta que me pariu, Cassandra — Scott resmungou, levando suas mãos até os cotovelos dela e a segurando firmemente. — Não estou fazendo por pena. Não estou fazendo porque estou sendo obrigado a isso pela minha honra. — Ele balançou a cabeça. — Quer saber por que eu estou fazendo isso? Porque

eu amo você. Porque eu sempre fui apaixonado por você. Porque, sim, eu estraguei tudo, eu estraguei a oportunidade que tinha de finalmente poder ficar com você, e você ficou magoada. E, puta merda, eu *quero* consertar isso, Cass. E quero fazer isso do jeito certo.

A boca de Cassie se abriu e seus olhos piscaram rapidamente, por várias vezes.

— Você me... O quê?

Scott suspirou, e seu sorriso relaxou nos seus lábios.

— Eu amo você. — Ele suspirou novamente. — Cass, eu amo você pra cacete.

— E por que você não me falou isso antes? — Ela quase gritou ao sentir o coração batendo fortemente no peito. A frase repetia-se como um mantra dentro dela.

Scott me ama.

Scott me ama.

Scott me ama!

— Porque você estava preferindo me odiar por causa de aftas — Scott quase riu.

— Isso não tem graça.

— Ah, tem, sim. — Ele riu.

— Não tem, não. Muita merda aconteceu por causa de aftas! — Cassie repreendeu-o.

— Cass, se eu tivesse te beijado naquela noite, eu teria me tornado seu namorado mais cedo ou mais tarde. — Ele sorriu novamente. — E eu, como seu namorado... Bom. Você estaria na merda de qualquer jeito.

— Pelo menos com você teria sido uma merda *boa* — Cassie falou com a voz baixa.

— Bom saber disso. — disse ele de volta, abaixando o tom de voz.

Cassie sentiu as mãos dele largarem seus cotovelos e segurarem em sua cintura rapidamente, puxando-a para mais perto dele. Uma das mãos subia da cintura para a altura dos ombros, enquanto seu rosto se aproximava do dela.

As mãos de Cassie tremiam como um terremoto corporal, e ela segurou a respiração, pedindo para que Scott não reparasse no nervosismo dela. Um instante depois, ela soltou a respiração, apenas para dizer:

— Normalmente a luz do armário é apagada, sabe. — Sua voz era suave e baixa, quase rouca pelo nervosismo com a aproximação do rosto de Scott do dela.

— Eu não quero apagá-las.

— Por que não?

A mão de Scott que havia subido até o ombro deslizou até o rosto dela, segurando-o entre os dedos.

— Porque eu quero ver o seu rosto quando eu terminar de te beijar. — Ele murmurou, com os lábios roçando nos dela devagar. — Agora vamos parar de papo e consertar esses anos de merda em sete minutos, por favor?

Cassie teve apenas tempo de abrir um sorriso radiante antes que ele a beijasse.

E pela primeira vez, Cassie conseguiu juntar todos os seus pedaços quebrados dentro dela mesma.

Pela primeira vez, Cassie estava inteira.



Obrigada por adquirir este ebook!

Ele foi criado com muito carinho, e também revisado, diagramado e projetado todinho por mim (o que a falta de recursos não faz, né?), então se você encontrou algum erro durante a leitura deste ebook, seja de formatação, ortográfico, gramatical ou qualquer coisa; se quiser, me dê um toque!

Ou caso queira também só compartilhar sua opinião sobre *Cassie tem um novo admirador secreto*, eu ficarei bem feliz!

Não deixe também de conferir o spin-off: *Kylee tem um amor secreto*.

Obrigada por tudo e espero que tenha gostado.

Não se esqueça de avaliar! <3

*

Contato

gabesregina@gmail.com

Twitter e Instagram

[@gabesregina](https://twitter.com/gabesregina)